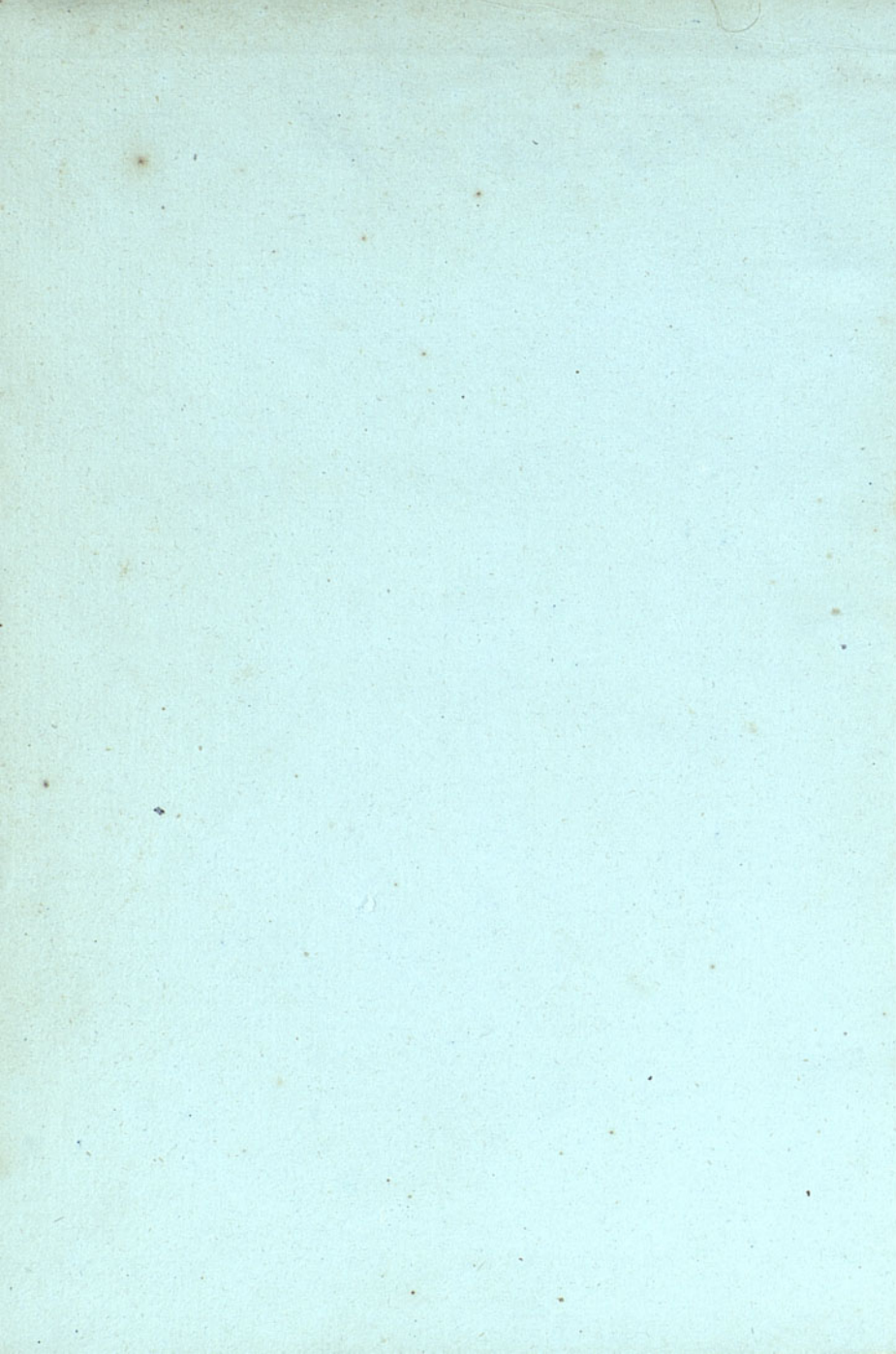


J. Norton

Incadismaciai . . . 200-

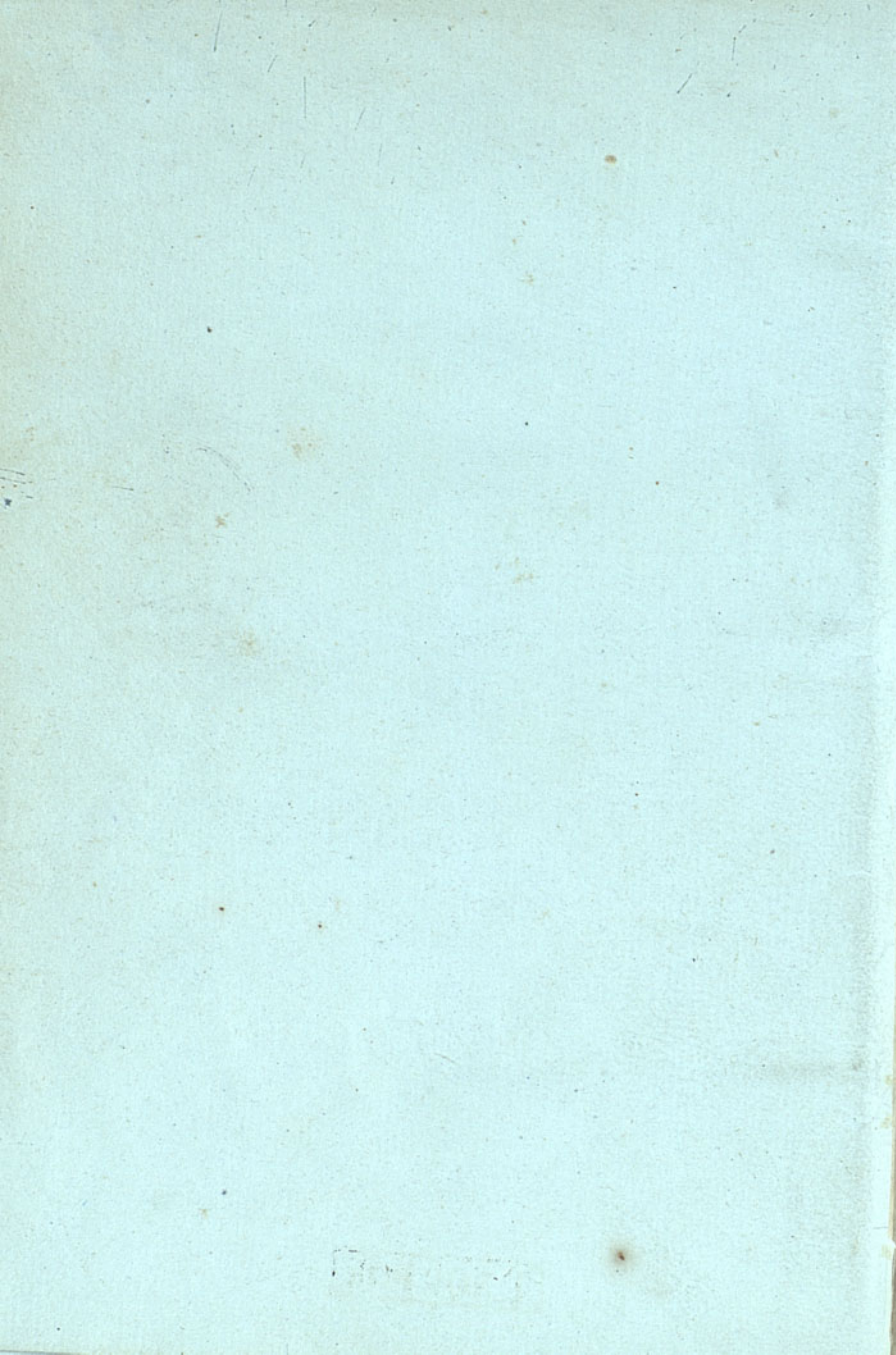
of 34



34

OB

15

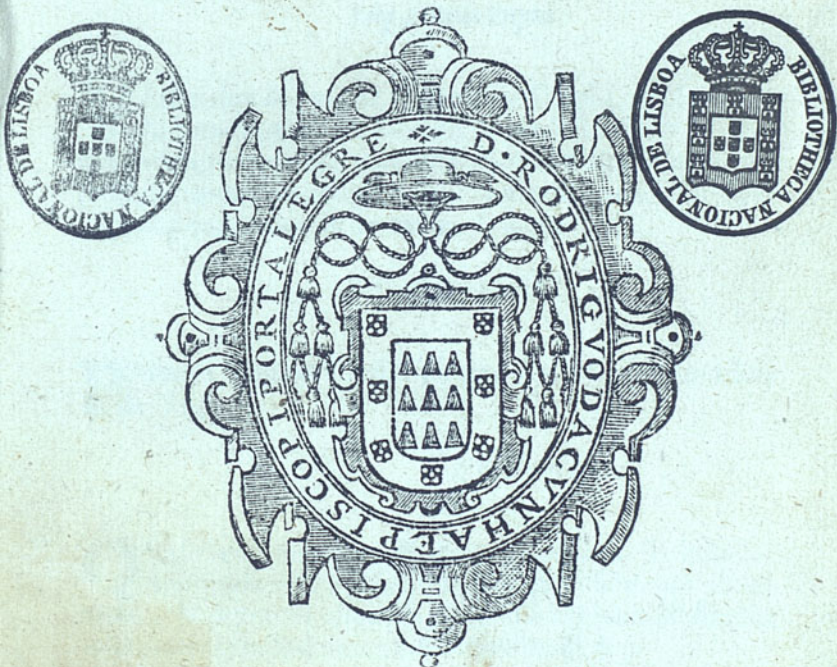


RIMAS
DE LVISDE CAMOËS
SEGUNDA PARTE.

Agora novamente impressas com duas Comedias do Autor.
Com dous Epitafios feitos a sua Sepultura, que mandarão fazer
Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gon-
çalvez da Camara.

E hum Prologo em que conta a vida do Author.

*Dedicado ao Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor D. Rodrigo d'Acunha,
Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade.*



Com todas as licenças necessarias.

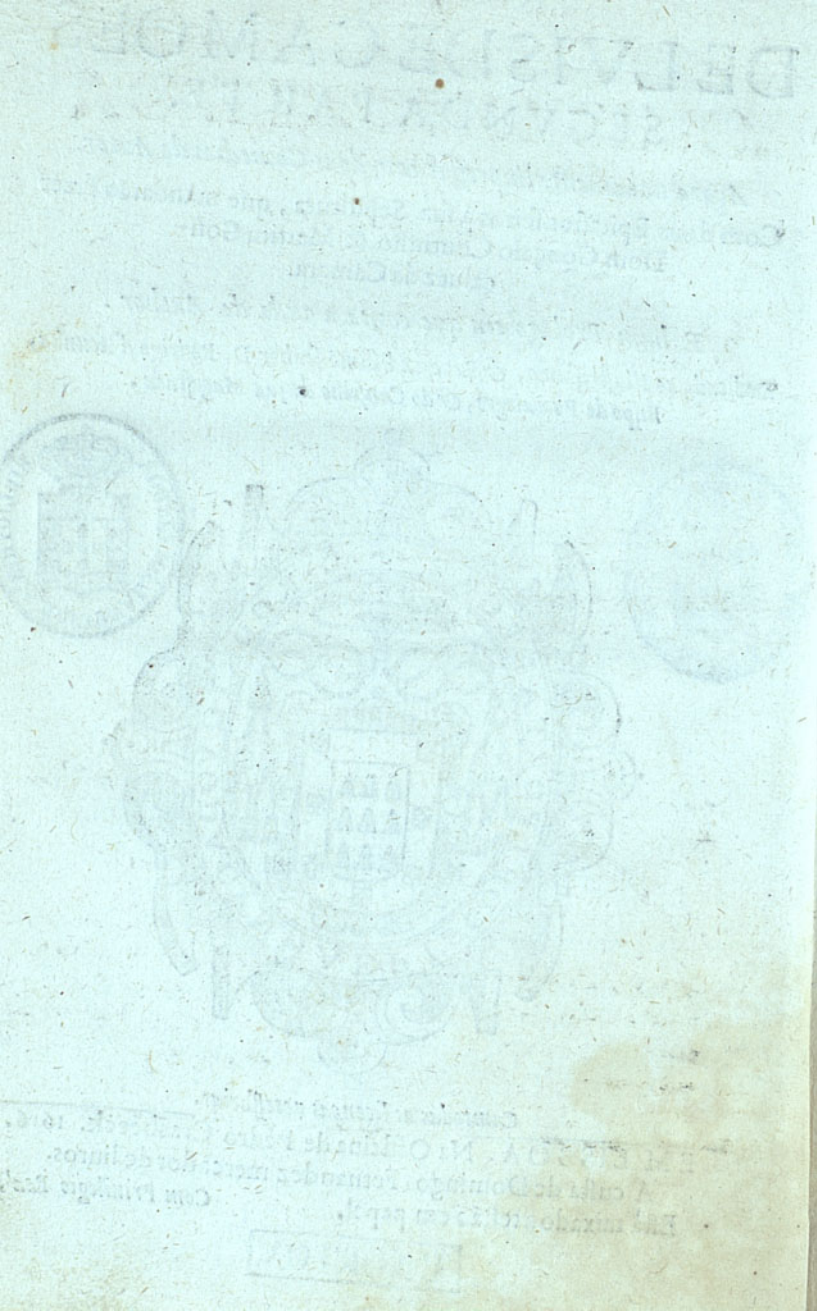
EM LISBOA. Na Officina de Pedro Crasbeeck. 1616.

A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros.

Està taixado a testão em papel.

Com Priuilegio Real.

T. NORTON.



Vieste quaderno, & o parecer dos Padres reuedores, & me parece que mudado, & riscado o que em seus lugares de minha letra aponto, tudo o mais se pode imprimir. Em Sam Domingos. 30 de Janeiro de 615.

Frey Vicente Pereyra,

Viestas duas Comedias de Luis de Camoës, & não tem cousa obstante a se tornarem a imprimir, no collegio de S. Agostinho. De Lisboa a 11. de Julho de 605.

Frey Antonio Freyre.

Viesta obra de Luis de Camoës da Criação, & cõposição do homem, não tem cousa algũa contra nossa sancta Fee, & bõs costumes, antes muita inuencão & erudição q̃ o Author mostrou, tratando a composição do homem, onde he digna de se imprimir., aos 4. de Setembro. de 1608.

Frey Manoel Coelho.

Podemse imprimir estas oitauas, aos 9. de Setembro de 615.

Damião Viegas.

Que se possa imprimir esta parte das obras de Luis de Camoës, vista a licença que tem do Santo Officio, de Ordinario, & depois de impresso tornará para se taxar, & sem isso não correrá, Em Lisboa a 12. de Feuereiro de 615.

Almeida.

Preto

L. Machado.

DEDICADO AO ILLVSTRISSIMO, E REVERENDIS. SENHOR

D. Rodrigo d'Acunha, Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade.

D. F. D. F.



MOSTRARÁ sempre os grandes Principes tam bom rosto a qualquer agradoimento, que derão onfadia aos animos mais humildes, apparecerem em sua presença com algũs offerecimentos, que fora desta sombra, serião avidos por menos que nada. Ensinado eu desta experiencia, tão certa, & rão digna de seus Auctores: & lêbrado das grãdes merces, & fauores tão pios, com que V. S. foy seruido appadrinhar a restauração de minha honra, & vida, que eu tinha tão perdida, & acabada, que para desesperar de todo remedio dellas, me via algũas vezes em o vltimo termo: pareceome se hirião em mim accumulando as culpas de ingratição, com igual passo aos que desse de vida, sem, polo menos, publicar pelo mundo esta obrigação, & reconhecimento: ja que para o seruir como criado, podia tão pouco. E como este pensamento procedia de tão noble causa, não se descuydou minha ventura em me offerecer esta occasião de andar juntando estas rimas, & V. S. me fez merce de auer a maior parte certificado serem do Author, outras me derão varias pessoas, & na mão de muitos senhores illustres achei tres Cantos da Creação do homem em oitaua rima que vão no fim deste liuro, & tendo os impresso. V. S. me affirmou

mou não serem seus : mas como os tinha impressos por ser obra muyto boa , & com o nome do Author a deixei hir estando esta obra começada em que me fez merce de dar ajuda de custa pera fazer esta impressão de mil & quinhentos estando V. S. mais descuidado pos os olhos a Sacra Cesarea, & Catholica sempre Augusta, & Real Magestade del Rey Felippe nosso Senhor o segundo deste nome dos Reys de Portugal, maior no poder que seus predecessores, mais poderoso no Imperio que todos os outros Monarchas de que sabemos, fez hũa eleição tam benemerita de Bispo de Portalegre, a qual foy muito bem recebido em todo este Reyno, tão proxima, & tão conforme com este meu intento: nesta impressão dos do nosso grande Luis de Camoës, Principe da Poesia Heroyca: cõ muita erudição, & variedade de cousas curiosissimas. Artificio grande, que a verdadeira fama inuentou, para com mais facilidade diuulgar pelo mundo a honra & nome deste illustre entendimento Portuguez. Por achar nelle hum dos mais poderosos sogeitos, com que ella podia mais longe dilatar pelo mundo os extendidos limites de seu Imperio. As obras que nelles se referem, sã Heroycas: a lingoagem Portuguez, o Author humilde: variedade digna de com algũa consonancia, naõ desagrada aos ouuidos de V. S. Pois he descendente de tão famosos Heroes: produzido das melhores plantas Portuguezas. E exercitado em levantar os animos mais humildes . Deixo outras conueniencias de letras & prudencia que em V. S. em tam alto grao concorrem juntas, & em que a mais illustre fama costuma fazer mais deleytoso emprego: pois Deos tem tomado a sua conta esta empreza: quando ellas em tanto augmêto, & pureza de sua Fè se exercitão, com o Catholico zelo que em o diuino tribunal do Sancto Officio em que V. S. foy Inquisidor se tem visto, & experimentado . E entre tanto nosso Senhor guarde a pessoa de V. S. em 19. de Março de 1616.

Domingos Fernandez,

TAixão este liuro em 100. reis em papel. A 19. de Março de 1616.

Francisco Vaz Pinco.

Preto.

Prologo ao Leitor.



Harissimo Leitor na Primeira Parte das rimas de Luis de Camoës prometi sahir a luz cõ esta Segunda Parte que offereço , em que gastei setto annos em ajuntar estas Rimas por estarem espalhadas em mãos de diuerſas peſſoas, & ainda agora prometo pera a ſegũda impreſſaõ, porque da India me tem eſcrito que me mandaraõ muitas corioſidades, & neste Reyno ei de auer outras mais, & desta maneira ſe ajuntou a Primeira Parte, fazendo vir da India , & pedindo neste Reyno a ſenhores illuſtres, & outras varias peſſoas corioſas: tenho comprido minha palaura mas fico empenhado , he neceſſario que os corioſos da liçaõ Poetica, & eſtudioſos corteſoës, & ſenhores illuſtres comprem eſte liuro, a quem peço por merce, & ſe neste liuro ſe acharem algũas couſas q̃ naõ ſejaõ de Camoës naõ me ponham culpa, que com boa fê as dei a impreſſaõ com muita diligencia , & gaſtando o meu dinheiro pera ſatisfazer , porque minha tençaõ naõ he outra couſa , que deſejar de acertar, & tirando os olhos de mim ponham no q̃ offereço. Aqui vaõ dous Prologos , hum que fez o Licenciado Fernaõ Rodriguez Lobo Surrupita em que declara que couſa ſeja Poesia em louuor deſte Author. E outro do Licenciado Pedro de Maris Eſcriuaõ, & reformador da Torre do Tombo , em que conta a vida de Luis de Camoës. Vale.

Domingos Fernandez Liureiro.

COMEC, A A TABOADA

das Rimas Segunda Parte.

TABOADA DOS SONETOS,

A Ruore cujo Pomobelo & brando.	5
Amor que da vida o no desfata.	3
Cantando estaua hum dia bem seguro.	1
Ca nesta Babilonia donde manna.	9
Correm turuas as agoas deste Rio.	10
Coitado que em algum tempo choro, & rio.	25
Doces agoas, & claras do Mondego.	3
Depois que vio si belle o corpo humano.	12
Diuerfos doés reparte o Ceo benigno.	20
Delgadas agoas claras do Mondego.	29
Dece do Ceo immenso Deos benigno.	34
Dos Ceos a terra dece a mor belleza.	35
Eu cantei ja, & agora vou chorando.	2
Erros meus má fortuna amor ardente.	8
Illustre, & digno ramo dos Menezes.	13
Iulgame a gente toda por perdido.	14
Na desesperação ja repousa.	7
O Ceo, a terra, o vento sossegado.	18
O filho de Latona esclarecido.	24
Ornou muy raro esforço ao grande Atlante.	30
O rayo de ouro fino se estendia.	4
Por sua Nimpha Cephalo deixaua.	17
Por cima destas agoas forte, & firme.	19
Presença bella, angelica figura.	33
Para se não namorar do que criou.	36
Porque a tamanhas penas se offerece.	5
Sentindose tomada a bella esposa.	6
Senhor Ioão Lopez o meu baixo estado.	15
Senhora minha se a fortuna imiga.	38
Sempre a rezão vencida foy de amor.	32
Seguia aquelle fogo que o guiaua.	31
Tal mostra dá de si vossa figura.	31
Vos outros que buscais repouso certo.	31

Elegia.

A Paixam.

Ao Doutor mestre Belchior.

fol.7

Ode.

15

Naquelle tempo brando.

Ia a calma nos deixou.

17

Cançam.

19

Nem roxa frol de Abril.

Mandame amor que cante o que a alma sente.

21

Sextina.

23

Fogeme pouco, & pouco a curta vida.

Perição ao Regedor.

22

26

Redondilhas.

Na fonte está Lianor.

Que diabo lha tão danado.

Vossa senhoria crea.

Nos liuros doutos se trata.

Não posso chegar ao cabo.

29

30

30

31

31

Cantigas.

Vi chorar hús claros olhos.

31

Motes.

Dola mi ventura.

32

Vilancete pastoril.

Deos te salue Vasco amigo.

Porque no miras Giraldo.

Crecem Camila os abrolhos.

Olhos em que estão mil flores.

Doust tormentos vejo.

Vida da minha alma.

Pastora da serra,

Que veré que me contente.

Sois fermosa tudo tendes.

Epistola de Luis de Camoës.

Cinco gallinhas & meya.

33

33

34

34

35

35

36

36

37

40

Comedias.

Emfatioës.

Filodemo.

Tres Cantos da Creação do homem.

F I M.

PROLOGO A OS

LEYTORES.

*Por o Licenciado Fernão Rodriguez
Lobo Surrupita Auogado nesta
Corte. Em 1595.*



OMO este liuro ha de vir a mãos de muitos. E não he possiuel em todos ser igoal a noticia das cousas, que se requerem para entendimento d'elle, não pareceo pouco acertado aduertir breuemente algũas, assi sobre o titulo & diuisão da obra, como tambem sobre o autor della: & começando pello titulo esta palaura Rhythimas, (que os Italianos . & Franceses pronunçião sem aspiraçõs) descende de *ῥυθμῶς*, vocabulo Grego, que quere dizer numero ou harmonia, como declara Diomedes grammatico, & Nicolao Peroto na Cornucopia no Comento do 4 Epigramma. E em ambas as significaçõs conuenem propriamente ao verso de medida Italiana, porque não somente consiste em certo numero de syllabas, mas tambem na harmonia causada dos accentos, & consoantes, como proua Benedetto Varchi no Dialogo Herculano, na pergunta 9. Nem isto recebe duuida, porque geralmente o corpo de toda a sorte de poema se forma de numero, & harmonia, donde nasceo chamarlhe Possidonio Stoico, dicção numerosa, que consta de medida certa, como refere Laertio na vida de Zenão. Em tanto que sendo Socrates auisado por hum oraculo, se queria alcançar a bemauenturança applicasse o animo à musica, entedde o que satisfazia ao intento daquelle auiso em se empregar todo em fazer versos por ser a harmonia, & numeros delles parte da mesma musica, como conta Caelio Calcagnino

nino na oração que fez em louuor das Artes. Donde também procedo a Etymologia deste nome, Poeta, que conforme a opinião de Eustathio seguida por Rhodagino no liuro quarto, cap. quarto, se deriuua de ποιῆμι, que significa ἔμμετρον que quer dizer cantar, & o mesmo nome de Musa significa canto, como afirma o mesmo Nicolao Perotto sobre o 5. Epigramma, & por isso Dante chamou a Poesia, ficção, Rhetorica posta em musica. E que o titulo de Rhythmas, conuinha a toda esta obra, mostra-se também claramente por hum discurso que faz o Cardeal Pietro Bembo, no liuro 2 das Profas. onde diz que as Rhythmas, ou Rimas (como elle escreue) são de tres maneiras, porque ou são reguladas, ou liures, ou parte liures, parte reguladas. Reguladas se chamão aquellas que vão sempre atadas a hũa mesma regra, como são os Tercettos, de que se creê ser inuentor Dante, porque antes delle se não acham feitos por outrem. E assi as oitauas que inuentarão os Sicilianos fazendoa de dous consoantes até o cabo, & dipois forão reduzidas a melhor forma pellos Thoscans, accrescentandolhe terceyro consoante nos dous versos vltimos: & as Seistinas, que forão inuencão dos Prouensais, especialmente de Arnaldo Daniello. Rimas liures são aquellas que não guardam regra algũa, nem no numero dos versos, nem na correspondencia dos consoantes, como são os Madrigais, deriuados de Mãdra, palavra Thoscana, por ser composição villanesca, a q̄ respondem os nossos villancetes. Rimas parte liures, parte reguladas são as q̄ em algũas cousas vão foggeitas a regra, & noutras são isentas della, como são os Sonettos, & Canções, porq̄ os Sonettos ainda que no numero dos versos, & disposiçam delles, tem obrigação de seguir sempre hũa mesma regra: com tudo na correspondencia dos consoantes, não tem obrigação certa, como mostra Ringifo na sua Arte Poetica, no cap. 43. seguindo todauia a obseruação que com muito engenio, & iuzo aduertio Torquato Tasso no seu Dialogo da Poesia Thoscana. E as Canções tem a mesma natureza, como apponta o mesmo Ringifo no cap. 59. & nos seguintes. E com isto temos satisfeito ao titulo.

Segue se a diuisão da obra, que vai repartida em cinco par-

res, porque o numero quinquennario pertence particularmen-
te a obras de Poesia. & eloquencia , o que se vê claramente,
porque conforme a doutrina dos Platonicos era dedicado a
Mercurio, & aos outros Deoses, que no seu rito Gentilico erão
padroeiros das Artes, como escreue Rhodagino , lib.12. c.10.
& a Mercurio tinhão elles por diuindade da eloquencia, & por
isso lhe consagrauão as lingoas , como refere Vincencio Car-
rario, no liuro das imagees dos Deoses, sobre a imagé de Mer-
curio, & sendo assi da eloquencia , ficaua tambem sendo da
Poesia pella liança que entresi tem conforme a definiçam de
Dante, & Possidonio. E por isso a quinta letra do Alphabeto
Grego era dedicada a Apollo, como escreue Guillelmo On-
ciaco no liuro dos lugares numerais cap. 5. & as Musas posto
que sejaõ noue, sò a cinco dellas tocua o ministerio da Poe-
sia, porque a Clio se arribuia o soggeito della, presidindo a hi-
storia: a Polihymnia o ornamento da lingoagem : a Calliope
o verso Heroico: a Melpomene o Tragico: a Thalia o Comico
conforme ao Epigramma vulgar que anda entre os de Virgi-
lio. Seguindo pois esta diuisão se deu a primeira parte aos So-
netos por ser composição de mais merecimento, por causa das
difficuldades della, assi em não admittir nenhũa palavra ocio-
sa, nem de pouca efficacia , como em auer de cerrar toda a
materia delle dentro no limite de quatorze versos , fechan-
do o vltimo Tercetto de maneira, que nam fique ao entendi-
mento desejo de passar auante, cousa em que muitos Poetas,
que andam nas alas da fama, teuerão pouca felicidade. A se-
gunda parte se deu às Canções, & Odes, que respondem aos
versos Lyricos , como mostra Fernando de Herrera, no seu
doctissimo Commento sobre a 1. Canção de Garcilasso. A
terceira, a Elegias, & Oitauas, de que não achamos que vsasse
Petrarcha, mas de ambas estas composições vsou felicemente
Ariosto, & por ventura que soube melhor imitar na graça , &
perfeição do verso Elegiaco a Tibullo, & Propertio, que são os
Principes deste genero, que na maieftade do Heroico a Virgi-
lio. A quarta a Eglogas , por ser specie de composiçam, em
que se requiere menos sufficiencia, & nelle deixando Teocrito,
& Virgilio , teue particular excellencia Sannazaro , como

nas Piscatorias Bernardino Rota. A quinta & vltima parte se deu as grosas, & voltas, & outras composições de verso pequeno, que são proprias da nossa Espanha, em que Gregorio Syluestre se auentajou notauelmente entre todos os Hespanhoes, & teuera o primeiro lugar, se Luis de Camoës lho não ganhara. así na agudeza dos conceitos, & propriedades das palauras, como na habilidade de metter regras impossiveis, q̄ mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. E continuando com elle (que he a terceira parte deste Prologo) he euidente temeridade querer louuallo, porque ainda que os outros Poetas fossem particularmente abalisados em algũa perfeição special, todavia a hũs faltou a natureza, que lhes fizesse facil a contextura do verso, laurandoo com tanta aspereza, & difficuldade, que parece que estão alli as palauras violentadas, & os conceitos encerrados nellas per força, & así carescẽ da suauidade em que consiste a mesma Poesia, conforme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo, intitulado Naugerio, tirada de Horacio & Quintiliano. Outros que alcançarão ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleição das palauras, ou por não terem cabedal com que ataiuar a oração, así da lindeza da lingoagem; como de tropas & figuras, sem as quais Cicero, nem Virgilio nunca falarão, vŕão de hũs termos tão humildes, & vulgares, como se a natureza da Poesia não consistira em ser leuantada do vŕo commũde falar, conforme a opinião de Plutarcho, no seu tratado da Poetica, & da Rhodagino, no cap. 4. do lib. 4. Outros que se melhorão mais na lingoagem, não tem nenhũa erudição com que illustrem suas obras, sendo verdad como diz Rhodagino, no cap. 2. do mesmo liuro, que sô aquelles se chamão Poetas legitimos, que mostrarão noticia de diuersas sciencias em suas obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, & Pyndaro. E pello contrario Luis de Camoës está tão afastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptissima para declarar seus pensamentos, acompanhada de hũa facilidade natural, q̄ enche os seus versos de suauidade, & como ella hũa lingoagem tão pura, & ornada de todos os lumes da elocução, & tão rica de conceitos, & diuersas joyas de todas as

sciencias,

sciencias, que parece que nelle sò ajuntou a arte, & a natureza tudo o que conuinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, & em especial no verso pequeno, como ja dissemos, muito mais o foi nas Canções, onde guardou de maneira todas as leys dellas, que nenhũa enueja pode ter à Petrarcha, Bembo, & Garcilasso, que neste genero são os mais louuados, & o mesmo lugar tem na mayor parte dos Sonettos, & o teuera em todos, se algũs que aqui vão impressos por seus não forão feitos sem cuidado, à importunação de amigos, onde acontece muitas vezes acudir mais a pressa com que os pedem, que a obrigação de os limar, & despois sem vontade do Author se publicão por seus. Tratar do stylo Heroico não he deste lugar: porque o Licenciado Manoel Correa, que está commentando suas Lusíadas, terà esse cuydado: mas o que com razão se pode affirmar, he que cumprio nella tanto a risca as obrigações do poema Epico, q̃ se não parecera arrogancia, poderamos darlhe assento muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, grauidade, & armonia das palavras, na traça, & discurso da obra, na alteza do fogeito, seguiu em tudo as pisadas de Virgilio; & nas ficções allegoricas (sem as quais não pode auer nenhum poema Heroico conforme a opinião de Aristoteles, referida por Rhodagino no mesmo lib. 4. c. 4 E ao que escreue Plutarcho no lugar acima allegado, reprehendo a Empedocles, Parminedes, Nicandro, & Theognides, por vsurparem o nome de Poetas, sò com versos ricos de doutrina, mas desfacõpanhados de ficções, mostrou tão admiravel engenho, que quasi se igualou a Homero, & ouxalã pudera humilhar a grandeza delle em algũas das Eglogas, conformandose mais com o stylo Bucolico. E posto q̃ não faltão murmuradores que calumniarão suas obras, não escurece isto o merecimento dellas, porque tambem Virgilio, & Homero passarão por este trance, que he natural a todos os ingenhos raros: em tanto que sò de erros de Virgilio compos Carbio Grammatico hum liuro inteiro, & Cesar Caligula ousou affirmar, que nenhũa habilidade, nem erudição tiuera, & esteue determinado para mandar metter no fogo suas obras & retrattos, que auia em algũas liurarias, como conta Suetonio

Tranquillo, & Petro Crinito no lib. 3. dos Poetas Latinos. E cõ isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouuer nesta impressão, não passarão por alto a quem ajudou a copilar este liuro, mas achouse que era menos inconueniente irem assi como se acharão per conferencia de algũs liuros de mão, onde estas obras andauão espedaçadas, que não violar as composições alheas, sem certeza euidente de ser a emenda verdadeira, porque sempre aos bõs entendimentos fica reseruado julgarem que não são erros do Author, se não vicio do tempo, & inaduertencia de quem as trasladou. E seguiu-se nisto o parecer de Augusto Cesar, que na comissão que deu a Vario, & a Tucça para emmendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente que nenhũa cousa mudassem, nem acrescentassem, porque em effeito he confundir a substancia dos versos & conceitos do Author com as palauras & inuenção de quẽ emmenda, sem ficar ao diante certeza se o que se lee he proprio se emmendado. E por'isso se não bolio em mais que sô naquillo que claramente constou ser uicio de pena, & o mais vai assi como se achou scritto, & muito differente do que ouuera de ir se Luis de Camoës em sua vida o dera a impressão: mas assi de baixo destas afrontas, que o tempo, & ignorancia lhe fezerão, resplandesce tanto a luz de seus merecimentos que basta para neste genero de Poesia não auermos enueja a nenhũa nação estrangeira.

*O Licenciado Fernão Rodriguez Lobo Surrupitã,
Auogado nesta Corte.*

AO ESTVDIOSO DA LIC, AM POETICA:

*Feito por o Licenciado Pedro de Maris Sacerdote
Canonista em que conta a vida de
Luís de Camoës.*



Vas cousas achaua o Philosopho, causauão nas Republicas, grande felicidade. Zelo, & Agradecimento. Porq̃, hũ fazia vnião fortissima & inuenciuel, entre os animos mais discordes. & fracos. E o outro enchia o mũdo de obras heroicas: com que os imperios se fazem opulentos, em grandeza de senhorio, & segurança de sua conseruação. Bem se vê esta verdade em o nosso reyno Portuguez. Assim no tempo que a gratificação dos Principes andaua pela medida dos merecimentos de cada hum, com que o reyno se augmentaua admirauelmente. Como tambem quando, por sermos ingratos a Deos, & aos homês, nos beneficios recebidos: nos vemos enuoltos em tantas miserias, & tribulações. E quando a falta do zelo do bem commum, em os que mais podem & sabem, tem causado grandes ruinas em os melhores edificios desta Coroa.

Queyxa he esta antiquissima, & muyto mais antiga a infirmitade de que ella procede: & por isso muyto incurauel, & sem remedio: se Deos com seu poderoso braço lhe não acode. E he tam geral esta doença, que até nas cousas menores mostra sua furia com crueldade. Como se tem visto em muytos homês, a que as obras heroicas fezerão famosos, illustres, & grandes: & esta infirmitade os fez viuer em summa pobreza, acanhados: & morrer miserauemente. Sendo assi, que nem as migalhas do que elles ganharão a esta coroa (& os podêta fazer riquissimos) os roedores della lhe quiserão dar. Antes os perseguirão, desacreditarão, & fezerão morrer sem galardão.

Exemplos temos muytos nos successos da paz & da guerra, cõ q̃ se podera confirmar esta verdade, se ella por sy não fora tão patente. Pois até o nosso Luis de Camoës, neste seu Poema tão benemerito, como aquelle q̃ deu perpetua vida, às mais heroicas obras da nação Portuguez (q̃ ja hoje ouuerão de estar sepultadas em o perpetuo esquecimento, a q̃ tẽ condenado outras muytas) foy tão perseguido desta infirmitade, q̃ viueo miseravelmente, & morreo quasi ao desemparo. Sendo asy q̃ alcançou neste reyno tempo florentissimo em Principes, & venturoso com hum Rey Augusto, liberal & magnifico.

Senão, se a Fortuna, quanto o auentajou mais dos outros homens na excellencia Poetica: lhe tirou de ventura em a remuneração també merecida: Como aconteceu neste mesmo Reyno, & nesta mesma Cidade, ao outro Astrologo, q̃ em Salamanca tinha prognosticado, ao Senhor Dõ Manoel (quando la estuda ua para clerigo) q̃ auia de ser hum grande Monarcha, Rey liberalissimo, & muy grandioso. Conceyto de q̃ os fidalgos Portuguezes então zombauão, por elle ter diante de sy, & da Coroa, dezaseis pessoas Mas succedendo depois de tantas cousas, a el Rey dom João Segundo. & vindo a esta cidade o Astrologo, pedir remuneração do q̃ merecia tão boa noua: entrou cõ o Rey, & ainda q̃ não esquecido da promessa q̃ lhe fezera, & possuidor do grande bem q̃ lhe prognosticara: não lhe deu mais que muy poucos cruzados. O que sabido pelos fidalgos, q̃ fora o esperauão carregado de grandes merces: accusarão ao Astrologo de ignorante: pelas poucas esperanças que daua de grandioso, quem com tal obrigação se mostraua tam escasso. Mas o Astrologo, acudio logo, que não procedia do Rey (pois auia de ser mais grandioso do que elle dizia (se não de sua curta ventura, que nem com tão magnifico Principe se extendia a mais q̃ aquella miséria.

Asy o nosso Luis de Camoës, por hũa obra tão famosa, & de tanta utilidade para a honra deste reyno, como este Poema, & de tanto gosto de hũ Rey tão altiuo & grandioso como el Rey D. Sebastião: não acho q̃ lhe fezesse mayor merce, q̃ quinze mil reis de tença: & q̃ estes auia de vencer residindo em Corte, & para isso se le auia de passar aluarã cada tres annos.

Dirmeeis, não teue graça cõ effe Rey, mas teuea cõ os mais Principes, & fidalgos. Não ha tal, porque viueo em tanta pobreza, que se não teuera hum Ião, chamado Antonio, q̃ da India trouxe: que de noyte pedia esmola para o ajudar a sustetar, não podera aturar a vida. Como se vio, tanto que o Ião morreu, não durou elle muytos mezes.

Polo q̃, venho a concluyr q̃ ou sua fortuna era tão curta, como a do outro Astrologo, ou elle tinha algũa propriedade natural, q̃ afastaua os homês de lhe fazerẽ bem, como em outros costuma causar a ingratião. Doença de que me dizẽ, elle foy tocado: & assi ficão com menos culpa os nossos Principes.

Porque foy de todos elles tão estimada esta sua excellẽcia Poetica, q̃ tendo outro Poeta Portuguez (tambẽ famoso) com posto em verso a mesma empresa; quando vio este Poema de Camoës, & que todos o conhecião por tão heroico, não quiz mostrar o seu, posto que estaua com elle muyto vffano. E de todos os mais Portuguezes foy tão venerado este Poema, q̃ contra a natural propriedade Portugueza, de estimarem mais as cousas de estrangeyros, que as suas) se tem impresso neste reyno mais de doze mil volumes.

Pois, dos estrangeyros (a que as suas cousas parecem melhor q̃ as das outras naçoês) foy tanto estimado, que não se cõtẽtou cada hũa dellas com menos, que com appropriarem a sy, no modo que podia ser. traduzindoo em suas linguas cõ tanta curiosidade, que em Castella se fezerão tres traduçoês, em Italia hũa, em França outra: posto que eu a não vi: & atẽ em Latim se começou a fazer neste reyno, per hum dos mayo res Poetas Latinos, que Portugal teue que a morte atalhou, pri uandonos de tamanho bem. Porque como o Camoës foy tão grande imitador da mais heroica Poesia Latina: & sò a humildade da nossa lingua Portuguez lhe podia humilhar o seu grãde espirito Poetico: em que nenhum dos mais famosos lhe leuou ventagem. Tornado elle a fermosura da lingua Latina, auia de ficar hum muyto heroico Poema.

Porque tambem o Camoës excedeo a todos os Latinos, Gregos, & Toscanos nas comparaçoês, com q̃ descreue, pinta, & descobre o intimo dos conceytos Poeticos, com arteficio admiravel,

mirauel, & muy proprio. Alem de outras muytas figuras, & tro-
pos de Rhetorica, de que em muytas partes vſa, cõ tanta ener-
gia, & efficacia, que nenhum dos antigos lhe leuarão ventagẽ:
como ſe vè na oçtaua 41. do Canto 2. & em outros muytos lu-
gares, que no comento ſe apontão & explicão.

Em fim, he tam estimado no mundo, que chegou em noſ-
ſos dias hũ Alemão fidalgo eſcreuera a eſta cidade a hũ ſeu reſ-
pondente, ainda hoje viuo, que lhe ſoubefſe que ſepultura ti-
nha o Camões: & quando a não teueſſe ſumptuoſa, trataſſe cõ
a Cidade lhe deſſe licença para trasladar ſeus offos para Alema-
nha, cõ aquella veneração q̃ tão inſigne homẽ merecia. Onde
lhe faria hũ tumulto ſuperbiſſimo; igoal aos dos mais famosos
dos antigos E concluindo, digo, q̃ todos os Poetas famosos de
ſeu tẽpo o reconhecerão, & confeſſarão por ſuperior: atè el di-
uino Herrera, q̃ ſe imaginaua o mais leuãtado de todos os do
mundo, dezia que em Eſpanha sò Luis de Camoës fora verda-
deyro Poeta Heroico. E o grande Torcato Taſſo (q̃ no verſo
heroico excedeo a todos os Toſcanos) dizia em Roma q̃ a ne-
nhum Poeta temia neſta vida, ſe não a Luis de Camoës.

E ſe o noſſo Camoës foy tão illuſtre em nobreza de enten-
dimento: tambem foy acompanhado da nobreza do melhor
ſangue que Portugal produzio, Porque foy filho de Simão Vaz
de Camoës natural deſta cidade: o qual indo para India por
Capitão de hũa nao, a viſta de Goa deu a coſta, & ſe ſaluou em
hũa taboa, & là morreo. E de Anna de Macedo, molher nobre
de Sanctarem. E foy neto de Antão Vaz de Camoës, & de ſua
molher Guiomar Vaz da Gama, tambẽ dos nobres Gamas do
Algarue. E biſneto de Ião Vaz de Camoës, morador em Coim-
bra, aonde morreo, & eſtã ſepultado e capella propria, na clau-
ſtra da See de Coimbra, com hum letrero arrogante ao modo
antigo, das couſas que fez em ſeruiço del Rey dom Affonſo
Quinto E de ſua primeyra molher Inez Gomez da Sylua, filha
baſtarda de George da Sylua, que tambem era filho baſtardo
de Gonçalo Gomez da Sylua, que era irmão do Vizauo do
Principe Demetrio Ruy Gomez da Sylua: do qual ella ficou
parenta dentro no quarto grao.

E aſi aquelle admirauel engenho do noſſo Luis de Camoës

era composto de sangue nobilissimo, aysi por parte de sua Mãe, Auoo, & Vizauoo, como agora dissemos, como tambẽ pela parte patronimica dos Camoës de Euora, cuja cabeça he hũa quinta que chamão a Camoeyra: de que hoje he possuydor com titulo de morgado, Antonio Vaz de Camoës, fidalgo bẽ conhecido naquellas partes.

E como o nosso Poeta ficou sem pay, & tão pobre q̃ se saluou em hũa taboa, em tempo q̃ esperaua ficar rico: vêdose neste desemparo (ou como algũs dizẽ, homiziado, ou desterrado por hũs amores no pazo da Raynha) se embarcou para India. Mas nella foy sempre muyto estimado, aysi polo valor de sua pessoa na guerra, como pola excellencia do seu engenho. Mas como era grãde gastador, muy liberal, & magnifico, não lhe durauão os bens temporaes, mais q̃ em quanto elle não via occasião de os despender a seu bel prazer. Como lhe aconteceu, quando foy por Prouedor môr dos defunctos, às partes da China, de q̃ o Visorey o proueo, para ver se o podia levantar da pobreza em q̃ sempre andaua enuolto. Mas nẽ a enchẽte dos bẽs q̃ lã grangeou, o pode liurar, q̃ em terra no gastasse o seu liberalmente. E no mar perdeffe o das partes em hũ naufragio q̃ padeceo terriuel, de q̃ elle faz menção na octaua 128. do Canto 10. E não lhe valeo a excellẽcia de sua Poesia, para deixar de ser prezo na India, pelo Governador Francisco Barreto, & de vir capitulado a este reyno. Antes do qual veoa Moçãbique, para onde o Capitão Pero Barreto o trouxera da India cõ largas promessas, de q̃ elle em breue tẽpo se vio tam desempganado q̃ arribando aly a Nao Fee, & querẽdose o Camoës vir nella, ou tornar-se para India: o Capitão o reteue como preso, atẽ lhe pagar duzentos cruzados q̃ lhe dera na India para sua mataloragẽ, & entãõ lhe pedia como diuida. Do q̃ q̃ixandose elle a algũs fidalgos amigos q̃ vinhão na nao, elles se fintarãõ entre sy, & o desẽpenharãõ, pagãdo ao Capitão os duzentos cruzados, & o trouxerãõ na mesma nao ao reyno, sẽpre a sua custa. Estes erãõ Hector da Sylueyra, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte d'Abreu, & Antonio Ferrão, & outros. Chegarãõ a esta cidade no anno de 69. q̃ acharãõ fechada, & muy atribulada pela grande peste de q̃ Deos nos liure. Depois disto acabou de cõpor, & limar estes seus Cantos, que

da

da India trazia compostos:& no seu naufragio saluara cõ grande trabalho, como elle diz na octaua acima referida. E logo no anno de setenta & dous os imprimio , & ficou residindo em Corte, por obrigação da tensinha que el Rey lhe dera Mas tão pobre sempre, que pedindolhe Ruy Diaz da Camara, fidalgo bem conhecido, lhe traduzisse em verso os Psalms Penitenciaes, & não acabando de o fazer, por mais que para isso o estimulaua, se foy a elle o fidalgo , & perguntandolhe queyxofo, porque lhe não acabaua de fazer o que lhe prometèra auia tanto tempo, sendo tam grande Poeta, & que tinha composto tão famoso Poema: elle lhe respondeo, que quando fezera aquelles Cantos, era mancebo, farto, & namorado, querido, & estimado, & cheo de muytos fauores, & merces de amigos, & de damas com que o calor Poetico se augmentaua. E que agora não tinha espirito, nem contentamento para nada: Porque aly estaua o seu Ião, que lhe pedia duas moedas para caruão , & elle as não tinha para lhas dar.

Hora morto elle em tanta miseria, que o enterrarão na Igreja de sancta Anna desta cidade, de modo que custou muyto trabalho atinarem com o lugar de sua sepultura: quando hũ fidalgo Portuguez , que sò neste reyno deu o primeyro balanço, o senhor dom Gonçalo Coutinho fidalgo bem conhecido neste reyno, mandando fazer sepultura propria, na Era de 1595, com Epitaphio nella esculpido, por honrar este Author como natural.

E o senhor Martim Gonçalvez da Camara pedio licença ao senhor dom Gonçalo Coutinho , & mandou de nouo por esta Campa que està em Santa Ana desta cidade a entrada da Porta principal, & logo pos o Epitaphio do senhor dom Gonçalo, & mandou por o seu em lingua Latina, varam grauißimo filho do Capitão da Ilha da Madeira do Cõselho do estado del Rey grande va lido de Dõ Sebastiam primeyro , & muy estimado de sua Magestade, q̃ Deos guarde, auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas q̃ lhe forão offerecidas, & retirãdofe no fim da idade a viuer priuadamente cos Padres da Companhia em S. Roque de Lisboa, não lhe pareceo q̃ encontrãua os intetos com que se alli fora, nem as calidades , & circunſtancias que nelle cõcorrião em tratar da hõra q̃ se deuia a memoria de tão grande homẽ, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida.

Polla qual obra ferà sempre taõ louuado dos bõs spiritos, como he rezam q̃ o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico q̃ mostrou em todos estados, & fortunas, &c.

EPITAFIO DO SENHOR Dom Gonçalo Coutinho.

A Qui jaz Luis de Camoës Principe dos Poetas de seu tempo morreo no anno de 1579. esta Campa mandou aqui poer Dom Gonçalo Coutinho, na qual se não enterrarà peõsoa algũa.

DO SENHOR MARTIM GONCAL uez da Camara.

Naso elegis Flaccus lyricis Epigrammate Marcus
Hic iacet, Heroo carmine Virgilius
Ense simul, calamoque auxit tibi Ilysia famam
Vnam nobilitant Mars, & Apollo manum
Castalium fontem traxit modulamine at Indo
Et Gangi telis obstupescit aquas
India mirata est quando aurea carmina lucrum
Ingenij haud gazas ex Oriente tulit
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense
At plus dum calamo bellica facta refert
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam
Qualibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere fas, aquare nefas, aequabilis vni
Est sibi pars nemo, nemo secundus erit.

Chamolhe primeyro balanço, porque o segundo lhe deu o Licenciado Manoel Correa, que comentou as Luziadas. O qual, ou por lho pedir o mesmo Poeta, como elle me dizia: ou mouido do zelo do bem commum, ou por não ser metido na roda de ingratião dos outros Portuguezes: ou por mostrar seu engenho & letras: ou por lho pedir algum personagem: elle compôs em largos annos, com varia lição & erudição das boas letras humanas, que delle se pode collegir. Em que o comentário era tão famoso, que nas tres linguas, Latina, Grega, & Hebraea, poucos o igualarão em Europa. Da qual os mais insignes o consultauão muytas vezes em cousas muy difficultas, como de suas epistolas a seus amigos nos constaua.

Outras muytas cousas dignas de estima, tinha este varão para imprimir em outras linguas, primeyro que este commento. Mas sua antecipada morte desordenou tudo de maneyra, que padecendo cruel naufragio, sò esta faisca de suas obras sahio a cima das aguas. Mastão enuolta nellas, que quasi sòbrada de nouos perigos de sua inundação, lhe mandey acudir com hũa cortiça de algũs dobroës: porque o tribunal da Legacia a mandou rematar em almoeda, como espolios da See Apostolica. E a este poderemos ehamar o terceyro balanço, q̃ à curta ventura do Poeta se lhe deu neste Reyno. Fazendo hora imprimir com curiosidade, & procuaando que algũas cousas, que os muyto escrupulosos dizião faltaua no comento que se imprimisse, se não achem agora menos nelle. Principalmente algũs lugares atè hora não entendidos, ou interpretados contra o verdadeyro intento do Poeta. Para o que o mesmo Commentador me tinha dado licença: sem a qual (pode ser) que lhe não metera a mão en sua sementeyra. Vale & ama.

O Licenciado Pedro de Maris.

Liuros que Domingo Fernandez tem
impressos deste Autor,

Os Luziadas sem commento!

Os Luziadas commentados;

Rimas Primera parte.

Rimas Segunda parte!

Impresos de Domingo Terreros
impresos de este Autor.



Os Luzidas tem comendados

Os Luzidas comendados

Trinas Primers parte.

Trinas Segunda parte.

RIMAS

DE LUIS DE
CAMOËS, SEGVN-
DA PARTE.

SONETO I.

De suas perdições.



CAntando estava hum dia bem seguro,
Quando passando Syluio me dizia,
(Syluio, pastor antigo, que sabia
Pello canto das aues o futuro.

Meris, quando quizer o fado escuro,
Opprimir te virão em hum só dia,
Dous lobos: logo a voz, & a melodia,
Te fugirão, & o som suaue, & puro.

Bem foy assi. Porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava, & tinha,
De que grandes soldadas esperava.

E outro por meu danno me matou
A Cordeyra gentil que eu tanto amava,
Perpetua saudade d'alma minha.

Segunda parte.

SONETO II.

EV cantey já, & agora vou chorando,
O tempo, que cantey taõ confiado,
Parece, que no canto já passado,
S'estauão minhas lagrymas criando.
Cantey: mas se me alguém pergunta. Quando?
Não sey: que taõhem fuy nisso enganado.
He taõ triste este meu presente estado,
Que o passado, por ledo, estou julgando.
Fizeraõme cantar manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças.
Cantaua: mas já era ao som dos ferros.
De quem me queixarey? que tudo mente,
Mas eu que culpa ponho às esperanças?
Onde a fortuna injusta he mais, que os erros?

SONETO III.

DOces agoas, & claras do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, & perfida esperança,
Longo tempo, apos si me trouxe cego.
De vòs me aparto, mas porei não nego,
Que inda a memoria longa, que me alcança,
Me não deixa de vòs fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.
Bem putera fortuna este instrumento
Dalma, levar por terra noua, & estranha,
Offerecida ao mar remoto, & vento.
Mas alma, que de cà vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vòs, agoas voa, & em vòs se banha.

Rimas de Luis de Camoës,

SONETO III.

POr sua Nimpha Cephalo deixaua,
Aurora, que por elle se perdia:
Posto que dá principio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitaua.
Elle, que a bella Poëchris tanto amaua,
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja d'atentar se lhe acharia,
Taõ firme fê, como ella nelle achaua:
Mudado o traje, tece o duro engano,
Outro se finge prezo, poem diante,
Quebrase a fé mudauel, & consente,
O engenho sotil para seu dãn,
Vede que manhas busca hum cego amante,
Para que sempre seja descontente.

SONETO V.

SEntindose tomada a bella esposa
De Cephalo, no crime consentido,
Para os montes fugia, do marido,
E não sey se de astuta, ou verganhosa.
Porque elle em fim sofrendo a dór ciofa,
D'amor cego, & forçoso compellido,
Apos ella se vay como perdido,
Ià perdendo a culpa criminosa.
Deitase aos pes da Nimpha endurecida,
Que do ciofo engano està agrauada,
Ià lhe pede perdão, jà pede a vida.
O força de afeição, desatinada,
Que da culpa contra elle comettida,
Perdão pedia á parte, que he culpada.

Segunda parte.

S O N E T O VI.

Senhora João Lopez, o meu baixo estado,
Ontem vi posto em grao taõ excellente,
Que vós, que sois enueja a toda a gente,
Sò por mim vos quizeréis ver trocado.
Vi o gesto suauç; & delicado,
Que já vos fez contente, & descontente,
Lançar ao vento a voz taõ docemente,
Que fez ao ar sereno, & socegado.
Vilhe em poucas palauras dizer, quanto
Ninguem diria em muitas. Eu sò cego,
Magoado fiquey na doce falla;
Mas mal aja a fortuna, & o moço cego,
Hum porque os coraçõs obriga a tanto,
Outra porque os estados desigualla.

S O N E T O VII.

O Ceo, a terra, o vento socegado,
As ondas, que se estendem pella areia,
Os peixes, que no mar o somno enfrea,
O nocturno silencio repoufado.
O pescador Aonio, que deitado,
Onde cò vento a agoa se menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea,
Que não pòde ser mais que nomeado.
Ondas, dizia, antes que amor me mate
Tornayme a minha Nimpha, que taõ cedo,
Me fizestes à morte estar fogueita.
Ninguem lhe falla, o mar de longe bate,
Mouese brandamente o arnoredo,
Leualhe o vento a voz, que ao vento deita.

SONETO VIII.

ERros meus, mà fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjurarão,
Os erros, & a fortuna sobejarão,
Que para mim bastaua o amor samente.
Tudo passsey, mas tenho taõ presente
A grande dõr, das cousas que passarão,
Que as magoadas iras me ensinarão,
A não querer já nunca ser contente.
Errey todo o discurso de meus annos,
Dey causa, que a fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
D'amor não vi senão breues engãos,
O quem tanto podesse, que fartaſse
Este meu duro genio de vinganças.

SONETO IX.

CA nesta Babilonia, donde mãna,
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cá onde o puro amor não tem valia,
Que a mãy, que manda mais, tudo profana.
Cà onde o mal se afina, & o bem se dãna,
E pòde mais que a honra a tirania,
Cà onde a errada, & cega Monarchia,
Cuyda, que hum nomevão a defengana,
Cá neste labarinho, onde a nobreza,
Com esforço, & saber pidindo vão
A as portas da cubiça, & da vileza.
Cá neste escuro Chaós de confuzão,
Comprinde o curso estou da natureza,
Vè, se mesquecerey de ti Sião.

Segunda parte.

SONETO X.

COrrem turuas as agoas deste Rio,
Que as do Ceo, & as do monte as enturbàraõ,
Os campos florecidos se secàraõ,
Intratauel se fez o valle, & frio;
Passou o verão, passou o ardente estio,
Hũas cousas por outras se trocàraõ,
Os fementidos fados já deixàraõ,
Do mundo o regimento, ou desuario;
Tem o tempo sua ordem já sabida,
O mundo não: mas anda taõ confuzo,
Que parece, que delle Deus se esquece.
Casos, opinioes, natura, & vzo,
Fazem, que nos pareça desta vida,
Que não ha nella mais, que o quo parece.

SONETO XI.

VOs outros, que buscais repouso certo,
Na vida com diuersos exercicios,
A quem vendo do mundo os beneficios,
O regimento seu està encuberto.
Dedicay se quereis ao desconcerto,
Nouas honras, & cegos sacrificios,
Que por castigo igual de antigos vicios;
Quer Deus, que andem as cousas por acerto;
Não cahio neste modo de castigo,
Quem poz culpa á fortuna, quem somente
Crè, que acontecimentos ha no mundo.
A grande experiencia he graõ perigo,
Mas o que a Deus he justo, & euidente,
Parece injusto aos homẽs, & profundo.

SONETO XII.

DEpois que vio Sibelle o corpo humano
 Do fermoso Atis seu verde pinheiro,
 Em piedade o vão furor primeiro,
 Conuertido, chorou seu graue dâno.
 E fazendo a sua dór illustre engano,
 A Iupiter pidio, que o verdadeiro
 Preço da noua palma, & do loureiro,
 Ao seu pinheiro desse, soberano.
 Mais lhe concede o filho poderoso,
 Que as estrellas, subindo, tocar possa,
 Vendo os segredos là do Ceo superno.
 O ditoso Pinheiro, ó mais ditoso,
 Quem se vir coroar da folha vossa,
 Cantando à vossa sombra verso eterno.]

SONETO XIII.

ILlustre, & digno ramo dos Menezes,
 Aos quaes com larga mão o largo Ceo,
 Que errar não sabe, em dote concedeo,
 Romper os Mahometricos arnezes,
 Desprezando a fortuna, & seus reuezes
 Ide, por onde a sorte vos moueo,
 Ergey flamas no mar alto Eritreo,
 E fereis noua luz aos Portuguezes.
 Opprimir com taõ firme, & forte peito,
 O Pyrata insolente, que se espante,
 E trema Taprobana, & Gedrosia.
 Day noua causa à còr do Arabio Estreito:
 Assi que o roxo mar d'aqui em diante,
 O seja sò cò sangue de Turquia.

SONETO XIII.

NA desesperação já repousava,
O peito longamente magoado,
E com seu dâno eterno concertado,
Iã não temia, já não desejava.
Quando hũa sombra vam me assegurava,
Que algum bem me podia estar guardado,
Em tão fermosa imagem, que o treslado
N'alma ficou, que nella se enleuava.
Que credito, que dà tão facilmente,
O coração a aquillo, que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
O deixem me enganar: que eu sou contente,
Que posto que mayor meu dâno seja:
Ficame a gloria já do que imagino.

SONETO XV.

Senhora minha se a fortuna imiga,
Que em minha fim com todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graues casos me perfiga.
Cômigo leuo est'alma, que se obriga,
Na mòr pressa de mar, de fogo, de ira,
A daruos a memoria, que suspira,
Sò por fazer conuofco eterna liga.
Nest'alma, onde a fortuna pôde pouco,
Tão viua vos terey, que frio, & fome,
Vos não possaõ tirar, nem vaõs perigos.
Antes có som da voz, tremulo, & rønco,
Bradando por vós, sò com voffo nome,
Farey fugir os ventos, & os imigos.

Rimas de Luis de Camoës.

SONETO XVI.

A Ruore, cujo pomo bello, & brando,
Natureza de leyte, & sangue pinta,
Onde a pureza de vergonha tinta,
Estâ virgineas faces imitando.
Nunca da ira, & do vento, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta,
Nem por malicia de ar, te seja extinta
A cõr, que está teu fruto debuxando.
Que pois me emprestas doce, & idoneo abrigo,
A meu contentamento, & fauoreces,
Com teu suaue cheiro minha gloria:
Se não te celebrar como mereces,
Cantandote: se quer farey contigo,
Doce, nos casos tristes, a memoria.

SONETO XVII.

POr cima d'estas agoas forte, & firme,
Irey por onde as sortes ordenarãõ,
Pois por cima de quantas me chorarãõ,
Aquelles claros olhos pude virme.
Iá chegado era o fim de despidirme,
Iá mil impedimentos se acabaraõ,
Quando Rios d'amor se attraueffáraõ,
A me impedir o passo de partirme.
Passay os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, & gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.
Em que figura, ou gesto desuzado,
Póde já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a feus pès rendido, & atado?

SONETO XVIII.

O Filho de Larona, esclarecido,
 Que com seu rayo alegra a humana gente,
 O horrído Phiton, braua serpento
 Matou, sendo das gentes taõ temido.
 Ferio com arco, & de arco foy ferido,
 Com ponta aguda de ouro reluzente,
 Nas Thesalicas prayas docemente,
 Polla Nympha Penea andou perdido;
 Não lhe pôde valer para seu dãno,
 Sciencia, diligencias, nem respeito,
 De ser alto, celeste, & soberano.
 Se este nunca alcançou nem hum engano,
 De quem era taõ pouco em seu respeito;
 Eu que espeto de hum ser, que he mais q̃ humano?

SONETO XVIII.

Presença bella, angelica figura
 Em quem, quanto o Ceo tinha nos tem dado,
 Gesto alegre, de rosas fameado,
 Entre as quaes, se està rindo a fermosura.
 Olhos, onde tem feito tal mistura,
 Em christal branco o preto marchetado,
 Que vemos já no verde delicado,
 Não esperança, mas enueja escura.
 Brandura, aniso, & graça, que augmentando
 A natural belleza c'hum desprezo,
 Com que mais desprezada mais se augmenta,
 São as prisoões d'hum coração, que preso,
 Seu mal ao som dos ferros vay cantando,
 Como faz a Serca na tormenta.

SONETO XX.

Diuersos doês reparte o Ceo benigno,
E quer, que cada hũa hum só possuua;
Assi ornou de casto peito a Lua,
Ornamento do assento Christalino;
De graça a mãy fermosa do menino,
Que n'essa vista tem perdido a sua:
Pallas de discrição, que imite a tua:
Do vallor junto, sò de imperio digno.
Mas junto agora o mesmo Ceo derrama
Em ty o mais que tinha, & foy o menos,
Em respeito do Author da natureza,
Que a seu pezar te daõ, fermosa dama,
Diana honestidade, & graça Venos,
Pallas o auiso seu, Iuno a nobreza.

SONETO XXI.

Tal mostra dà de si vossa figura,
Sibella, clara luz da redondeza,
Que as forças, & o poder da natureza,
Com tua claridade mais apura.
Quem vio hũa confiança tão segura,
Tão singular esmalte da belleza,
Que não padeça mais, se ter defeza
Contra vossa gentil vista procura,
Eu pois por escuzar essa esquiuança,
A rezão sogeitey ao pensamento,
Que rendida os sentidos lhe entregaraõ,
Se vos offende o meu atreuimento:
Inda podeis tomar noua vingança,
Nas reliquias da vida, que escaparaõ.

Segunda parte.

SONETO XXIII.

A Mor que da vida o nô desfata,
Os nós que dà o amor, cortar quizeras,
N'ausencia, que ho contr'elle espada fera,
E cò tempo, que tudo desbarata.
Duas contrarias que hũa a outra mata,
A morte contra o amor ajunta, & altera,
Hũa he rezão contra a fortuna austera,
Outra contra a rezão fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte, em apartar d'hum corpo a alma,
Duas n'um corpo o amor ajunte, & vna.
Porque assi leue triumphante, a palma,
Amor da morte, a pezar d'ausencia,
Do tempo, da rezão, & da fortuna.

SONETO XXIII.

O Rnou muy raro esforço ao grande Atlante,
Com que a celeste machina sustenta,
Honrou seu alto engenho esse, que intenta
Grecia, do quarto Ceo leuallo auante.
Coroou ja o amor o firme amante
Orphee, firme na paz, & na tormenta,
Aspirou a ventura em tudo izenta
A Cesar, de quem foy hum tempo amante.
Tu exaltaste, ó fama, a gloria alta
De Ercoles, sobre o monte em que resides,
Mas Castro, em quem o Ceo seus doés derrama.
Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orphee, Cesar, & Alcides,
Esforço, Engenho, Amor, Ventura, & Fama.

SONETO XXV.

Coytado que em ^{hum} ~~algum~~ tempo choro, & rio,
 Espero, temo, & quero, & aborreço,
 Iuntamente me alegre, & entristeço,
 De hũa cousa confio, & desconfio.
 Auó sem azas, estou cego, & guio,
 E no que valho mais menos mereço,
 Calando dou vozes, calo, & emmudeço,
 Nada me contradis, & eu aporfio.
 Queria se ser pudesse o impossuiel,
 Queria poder mudarme, & estar quedo,
 Usar de liberdade, & ser captiuo.
 Queria que visto fosse, & inuisiuel,
 Queria desenredarme, & mais me enredo,
 Tais são os extremos em que triste viuo.

SONETO XXVI.

Se graõ gloria me vem de olharte,
 He pena desigual deixar de verte,
 Se presumo com obras merecerte,
 Graõ pago de engano he desejarte.
 Se quero por quem es louuarte,
 Sei certo por quem sou offenderte,
 Se mal me quero a mim por bem quererte,
 Que premio quero mais que sô amarte.
 Por que amor raõ raro sempre fere,
 O humano tifouro doce gloria,
 Que quer mais a alma que te serue.
 Scrita estaràs em minha memoria,
 E a alma viuirá que por ti morre,
 Que ao fim da batalha he a victoria.

S O N E T O XXVII.

I Vlgame a gente toda por perdido,
Vendome taõ entregue a meu cuydado,
Andar sempre dos homés apartado,
E dos tratos humanos esquecido.
Mas eu que tenho o mundo conhecido,
E quasi, que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, enganado,
Quem não he com meu mal engrandecido.
Vaõ reuoluendo a terra, o mar, & o vento,
Busquaõ riquezas, & honras, a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, & calma,
Que eu sò em humilde estado me contento,
De trazer esculpido, eternamente,
Vosso feroso gesto dentro n'alma.

S O N E T O XXVIII.

S Empre a razão vencida foy d'amor,
Mas porque assi o pedia o coração,
Quis amor ser vencido da razão,
Ora que cazo pode auer mayor.
Nouo modo de morte, & noua dór,
Estranheza de grande admiração,
Que perde suas forças a afeição,
Porque não perca a pena a cada hum.
Pois nunca ouue fraqueza no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim,
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a rezão que a luta vence em fim,
Não creio que he rezão, mas ha de ser,
Inclinação que eu tenho contra mim.

Rimas de Luis de Camoës,

SONETO XXVIII.

DElgadas agoas claras do Mondego,
Doce repouzo de minha lembrança,
Onde a comptida, & lubrica esperança,
Longo tempo, apos si me trouxe cego.
De vós me aparto, & porem não nego,
Que inda a memoria longa que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo ~~mas~~ me achego.
Bem pudera a fortuna, este instrumento
D'alma, levar, por noua terra estranha,
Offerecida a mar romoto, & a vento.
Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vós, agoas voa, & em vós se banha.

SONETO XXX.

ORayo de ouro fino se estendia
Pello mundo d'Aurora marchetada,
Quando Nife pastora delicada,
Donde a vida deixaua se partia.
Dos olhos, com que as almas accendia,
Partindo, toda em lagrymas banhada,
Da fortuna, de si, & do tempo magoada,
Pondó os olhos no Ceo assi dizia.
Nasce sereno Sol alegre, & ardente,
Esclareffe fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer al na alegrando, descontente.
Que a minha sabe tu, que desde agora,
Ià mais na vida a podes ver contente,
Nem taõ triste, nenhũa outra pastora.

Segunda parte.

S O N E T O XXXI.

Que modo taõ sotil da natureza,
Para fugir ao mundo, & seus enganos,
Permite que se esconda em tenros annos,
Debaixo de hum burel tanta belleza.
Mas esconderse não pode aquella alteza,
E grauidade d'olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia não sinto, ou fortaleza.
Quem quer liure ficar de dór, & pena,
Vendoa, ou trazendoa na memoria;
Na mesma razão sua se condemna.
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Captiuo há de ficar que amor ordena,
Que de juro tenha ella esta victoria.

S O N E T O XXXII.

Segua aquelle fogo que o guiaua,
Leandro contra o mar, & contra o vento;
As forças lhe faltauão já, & o alento,
Amor lhas refazia, & renouaua.
Depois que vio que a alma lhe faltaua,
Não ésmorese, mas no pensamento,
(Que a lingua já não pode) seu intento,
Ao mar que lho comprisse encomendaua.
O mar (dizia o moço) sò consigo,
Ià te não peço a vida só queria,
Que a de Ero me salues, não me veja.
Este meu corpo morto, là o desuia
Daquella Torre, seme nisto amigo,
Pois no meu mòr bem me ouueste enueja.

SONETO XXXIII.

A Conceição da Virgem nossa
Senhora.

PARA se namorar do que criou,
Te fez Deus S. Phenix Virgẽ pura:
Vede, que tal seria esta feitura,
Que a fez, quem para si sò a guardou.
No seu santo conceito te formou
Primeiro, que a primeira creatura:
Paraque unica fosse a compostura,
Que de taõ longo tempo se estudou.
Nãõ sey, se direy n'isto, quanto baste,
Para exprimir as santas calidades,
Que quis criar em ty, quem tu criaſte.
Es filha, mãy, & esposa. E se alcanſaſte
Hũa só, a tres taõ altas dignidades,
Foi, porq̃ a tres, & de hũ sò, tão agradaste.

b

SONE-



SONETO XXXIII.

A Encarnação do Verbo Eterno.

DEce do Ceo immenso Deus benigno,
Para encarnar na Virgem soberana,
Porq̃ dece Diuino ã cousa humana?

Para subir o humano a ser Diuino.

Pois como vem taõ pobre, & taõ minino,
Rendendoce ao poder da mão tyrãna?

Porque vem receber morte inhumana,
Para pagar de Adaõ o desatino.

Pois como? Adaõ, & Eua o fruto comem,
Que por seu proprio Deus lhe foy vedado?
Si, porque o proprio ser de Deoses tomem.
E por essa razão foy humanado?

Si. Porque foy com causa decretado,
Se o homẽ quis ser Deus, q̃ Deus seja homẽ.

SONE-



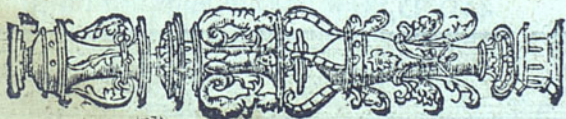
SONETO XXXV.

A Christo nosso Senhor no
Presépio.

DOS Ceos à terra dece a mor belleza,
Unese à carne nossa, & fala nobre,
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica à mór alteza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza,
Que como ao mundo o seu amor descobre:
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como Deus em pobreza à terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que sô rica, a pobreza lhe parece.
Pobreza este Presépio representa,
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quãto he pobre mais, mais lhe cõtenta.

b 2

ELEGIA



SONETO XXXVI.

A Paixão de Christo nosso Senhor,
dealogismo.

Porque a tamanhas penas se offerece,
Pelo peccado albeo, & erro insano,
O trino Deus porque o sogeito humano,
Nãõ pode cõ castigo que merece.
Quem padecerã as penas que padece,
Quem sofrerã dezonra, morte, & dãno,
Ninguem, senãõ se for o soberano,
Que Reyna, & seruos manda, & obedece,
Foy a força do homem tão pequena,
Que nãõ pode sosteuer tanta aspereza,
Pois nãõ sosteue a Ley que Deus ordena.
Sofrea aquella immensa Fortaleza,
Por puro amor, que a humanal fraqueza,
Foy para o erro, & nãõja para a pena.

ELEGIA



ELEGIA

A PAIXAM DE
CHRISTO N. SENHOR.

Primeira.



E quando contemplamos as secretas
 Causas, por q̄ o mundo se sustenta,
 O reuoluer dos Ceos, & dos Planetas
 E se quando à memoria se aprezêta
 Este curso do Sol, que he tão medido,
 Que hũ ponto sò não mingoa, nẽ se augmêta
 Aquelle effeito tarde conbecido
 Da Lũa, em ser mudauel, tão constante,
 Que mingoar, & crescer he seu partido.
 Aquella natureza tão possante
 Dos Ceos, que tão conformes, & contrarios
 Caminhão sem parar hum breue instante,
 Aquelles mouimientos ordinarios,
 A que responde o tempo, que não mente,
 Cos effeitos da terra necessarios.
 Se quando em fim reuolue sutilmente
 Tantas cousas a leue fantasia,
 Saga, escrutadora, & diligente.
 Vê bem (se da rezão se não desuia
 O Altissimo ser, puro, & diuino,
 Que tudo pode, manda, moue, & cria.

Segunda parte

Sem fim, & sem começo, hum ser continuo
Hũ padre grande a quem tudo he possivel.
Por mais arduo que scja ao homem indino:
Hum saber infinito incomprehensivel,
Hũa verdade, que nas cousas anda
Que mora no visivel, & inuisivel.
Esta potencia em fim, que tudo manda,
Esta causa da causas, reuestida
Foy desta nossa carne miseranda.
Do Amor, & da Iustica, compellida
Polos erros da gente, em mãos da gente,
Como se Deos não fosse, perde a vida.
O Christão descuydado, & negligente
Pondera isto, que digo, repousado:
Não passes por aqui tão leuemente.
Nãgo, que aquelle Deos alto, increado
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, & o mar irado:
Não do confuso Caos, como cuidou
A falta Theologia, & pouo escuro,
Que nesta sò verdade, tanto errou.
Não dos Atamos falsos de Epicuro
Não do largo Oceano como Tales,
Mas sò do pensamento casto, & puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Que por ty este grande Deos padece,
Novo modo de morte, novos males.

Olha, que o Sol no Olympo se escurcece
 Não por opposição d'outro Planeta
 Mas sò porque virtude lhe falece.

Não ves que a grande machina inquieta
 Do mundo se desfaz toda em tristeza,
 E não por natural causa secreta?

Não ves como se perde a natureza?
 O ar se turba, o mar batendo geme,
 Desfazendo das pedras a dureza.

Não ves que os montes caem? a terra treme?
 E que até na remota, & grande Athenas,
 O sabio Dionysio sente, & teme?

O summo Deos, tu mesmo te condenas
 Polo mal, em que eu sò sou tão culpado,
 A tamanbas afrontas, tantas penas.

Por mim, senhor, no mundo, reputado
 Por falso, & por quebrantador da ley
 A fama a ty se poem de meu peccado.

Eu senhor sou ladrão, tu summo Rey,
 Eu sò furtey, tu com ladroës padeces,
 A pena a ty se dà, do que eu pequey.

Eu seruo sem valor, tu summo preço,
 Em preço vil te pões por me tirares
 Do catiueiro eterno, que mereç o

Eu por perderte, & tu por me ganhares
 Te dàs aos homes baxos, que te vendem
 Sò para os homens presos resgatares.

Segunda parte.

A ty, que as almas soltas, a ty prei dem
A ty summo Iuiz ante Iuizes
Te accusaõ, polo error dos q̄ te offedẽ.
Chamãote malfeitor, não contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem, que quem te fere prophetizes.
Rimse de ty: tu choras a crueza,
Que sobre elles virã. A gente dura,
Porquẽ tu vês ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja fermosura
Se veste o Ceo, & o Sobresplã decente,
Diante de quẽ muda estã a Natura.
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue estã banhado,
Cuspido, arrellado cruelmente.
Aquelle corpo terro, & dilicado,
Sobre todos os Santos Sacrosanto,
De açoutes rigurosos flagellado.
Depois cuberto mal de hũ pobre manto,
Que se pegaua às carnes magoadas,
Para dobrarlhe as dõres outro tanto.
Magoauãono as chagas não curadas,
Hũ tormento causandolhe excessiuo,
Ao dispir pelas mãs crueis, & iradas.
As santissimas barbas de Deos viuõ,
De resplãdor ornadas lhe arrãcauãõ,
Para desempenhar Adão captiuo.
Com

Com cordas pelas ruas o leuaão,
Leuando sobre os ombros o Tropheo
Das vitorias, que as almas alcançaão.
O, tu, que passas, homem Cyrineo,
Ajuda hum pouco este homem verdadeiro,
Que agora como humano enfraqueceo.
Olha, que o corpo aflito do marteiro,
E dos longos jejũs debilitado,
Não pòde já cò peso do Madeiro.
O não enfraqueçais, Deos encarnado,
Essas queda, que tanto vos magoão,
Sopportay Caualleyro sublimado.
Que aquellas altas vozes que là soão,
Dos padres são, que estão no Limbo escuro,
Que já de Louro, & Palma vos coroão,
Todos vos bradão, que subais ao muro
Da Cidade infernal, & que aruoreis
Encima essa bandeira muy seguro.
O, Santos Padres, não vos appresseis,
Que muito mais a Deos, que a vòs custarão
Essas duras prisões, em que jazeis.
Aquellas mãos, que o mundo edificarão,
Aquelles pès, que pisão as Estrellas,
Com durissimos prègos se encauarão.
Mas qual será a pessoa, que as querellas
D'angustiada & n'gem contemplasse,
Que não se moua a dor, & a magoa d'ellas.
E que

Segunda parte

E que dos olhos seus não estillaſſe
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no roſtro aſſinalaſſe.
O quẽ lhe vira os olhos refulgentes
Deſfazendoſe em lagrymas, regando
Aquellas bellas faces excellentes.
Quem a virà cos gritos ir tocando
As eſtrellas, a quẽ responde o Ceo,
Cos accentos dos Anjos retumbando :
Quem vira quando o claro roſto ergueo
A ver o filho, que na Cruz pendia,
Donde a noſſa ſaude deſcendeo :
Que magoas tão chorofas, que diria,
Que palauras tão miſeras, & tristes
Para o Ceo, para a gente eſpalharia.
Pois que ſeria, Virgem, quando viſtes
Com fel nojoſo, & com vinagre amaro ;
Matar a ſede ao filho, que pariſtes ?
Não era eſte o liquor ſuaue, & claro,
Que para o confortar, então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.
Como? Virgem Senhora, não corricis
A dar as tetas puras ao cordeiro
Que padecer na cruz com ſede vieis ?
Não sò era eſſe, Senhora, o verdadeiro
Poto, que voſſo filho deſejaua,
Morrendo polo mundo n'hum madeiro.

Mas a saluação, que ally ganhaua
 Para o mismo Adão, que ally bebia
 Na fonte, que do peito lhe manaua.
 Pois, o pura, & santissima Maria,
 Que em fim sentiſtes esta magoa, quanto
 A gravidade della o requeria.
 D'essa fonte sagrada, e peito santo
 Me alcançai hũa gota, com que laue
 A culpa, que me agrauar, & pesa tanto.
 Do liquor salutifero, & suaue
 Me abrangey, com que mate a sede dura
 D'este mundo tão cego, torpe, & graue.
 Aſsi, Senhora toda a criatura
 Que viue, & viuerà, que não conhece
 A ley do voſſo filho, santa & pura:
 O falsissimo hereje, que carece
 Da graça, & cõ danado, & falso sprito
 Perturba a santa Igreja, que florece.
 O pouo pertinaz, no antigo rito,
 Que sò o deſterro ſeu, que tanto dura,
 Lhe diz, que he pena igual ao ſeu delito.
 O torpe Iſmaelita, que mistura
 As leys, & com preceitos vicioſos
 Na terra eſtende a ceita falsa impura.
 Os idolatras maos ſuperſticioſos
 Varios de opinioes, & de costume
 Leuados de conceitos fabuloſos

Segunda parte

As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa Fè não chega: nem que tenham
Religião algũa se presume.
Assi todos em fim, Senhora venhão,
Confessar hum sò Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenhão.
Mas de todos o vicio já passado,
O seu nome cò vosso neste dia,
Seja por todo mundo celebrado,
E respondão os Ceos, **IESVS MARIA.**

Fim desta primeira Elegia :



ELEGIA

A O D O V T O R

MESTRE BELCHIOR,

em louuor de sua filha dona

Maria de Figeiroa, na

India em Da-
mão.

2.



*E obrigações de fama podem tanto,
q̃ inda de Helena viue oie a memoria
Fazendo cada vez mayor espanto.*

Se tambem de Lucrefia a Livia historia,

Finda que já passada, cá florece,

E por fama, e triumpho hoie tem gloria;

Se a perfeição de Laura nunca esquece,

Tambem he que por fama laureada,

Nos ficou por Petrarca, e oie crece;

E se aquella cruel Troyana espada,

Deu com a morte vida a fermosura

De Dido, por Virgilio celebrada :

E se Venus fermosa, hoie segura

Se

Segunda parte.

Se a prezenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmãs d' Apollo tem vëtura,
Que farâ a fermosura soberana,
De Figeiroa illustre de quem quero
Cantar com doce Lira, & mantuana:
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas já, que já acabarão;
Destas cante Virgilio, desta Homero:
Que se outras com seus versos celebrarão,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não na alcãçarão.
Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada em Damão, porque nascendo,
Perder fizesse às outras gloria, & fama.
E em quanto alegre declarar pretendo;
Vós Pay de tal tesouro, daime ouvidos
Para delle dizer, mais do que entendo.
Não reproveis meus versos d'atreuidos,
Antes dailhe louuor, paraque sejam
De tal dama, & de vós fauorecidos:
Que milagres d'amor, farey que vejão?
Pintarey os olhos bellos, boca, & rizo,
Mil partes que outras damas ter deseirão.
Cabellos

Cabellos douro, em fim seu grande auizo,
Sua arte, perfeição, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso,
Que mais? o graue aspeito, & a brandura,
A boca de Robis, chea de perlas,
Das christalinas mãos a neve pura.

Senhora dona Maria, entre as mais bellas,
Vôs sois quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual Sol ètre as Estrellas.

Por vôs Damão Senhora hoje florece,
Por vôs as Musas já do sacro monte,
Donde contino o Louro verde crece.

Vos vem apresentar, da clara fonte,
De palidas violas coroadas
As pegaseas flores de Illiconte.

A vôs se vem cantando rodeadas
Das Nymphas que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.

E com seu suaue canto, & melodia,
Chegadas a vôs já dizem cantando,
Esta he porquem Apollo emmudecia.

Esta he porquem Ueturno desprezando
Pomona, de contino se abrasava,

Segunda parte.

Na menos parte sua imaginando,
Esta he porquem em fonte se tornaua
O auò de Phaetonte, & porquẽ Orpheo,
As furias infernais a quebrantaua;
Esta he porquem sò Troya se perdeo,
Esta he a quem Pariz deu a maçã douro,
E esta porquem Orlando endoudeceo.
Esta he quem desdo Gange atè o Douro,
Sò sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo thesouro;
Esta he quem trouxe a luz toda a nobreza
Dos de Liam Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez na mòr alteza.
Esta he a flor do Lago que se estende,
E em quem de nouo nasce a Real pranta,
Esta he a quem o mesmo amor se rende;
Esta he porquem a Aurora se leuanta,
Na parte Oriental, mais clara, & pura,
Esta he porquem morrendo o Cisne canta;
Esta he porquem nos dotou sò a ventura,
De mil primores chea colocada,
Em rara perfeição de fermosura.
Esta serà de nòs sempre cantando,

E dos novos Poetas mil louvores
Terã cõ fama eterna, & soblimada:
Na festa de Deos Pam cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos leuarão cheos de flores.
Ati as suas lutas dedicando
Seus jogos pastoris de cem mil partes
Comversos te estarão sempre louuando
E tu, que de teu ser nunca te partes
Com fermosura, & graça de continuo
Com que por fama ao mundo te repartes.
Com rosto branco, alegre, & peregrino
Aceitarã seus versos, coroada
De rosas, & de louro ati sò dino.
Dali do nosso choro venerada
Terã cargo da jeina de Diana,
E entre nos tu serã, mais estimada.
Dalli ò alta Dea, & soberana
Gouernarã o Indico Oriente,
E todo estado alem da Taprobana.
Dalli correndo irã de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida

*As antigas Damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.*

O D E D O C A M O E S , Q V E
nunca foy impressa:

N' Aquelle tempo brando
Em q̄ se vè do mundo a fermosura
Que Tetis descansando
De seu trabalho, est à fermosa, & pura,
Cansava o Amor o peito
Do mancebo Peleo de hum duro afeito.

Com impeto forçoso
Lhe tinha já fugido a bella Nimpha,
Quando no tempo aquoso
Noto ligeiro moue a clara limpha:
Serras no mar erguendo,
Que as altas vão da terra desfazendo.

Esperava o mancebo
Com a dor, que o esu peito n'alma sente,
Hum dos dias, que Phebo
O mundo todo abraça em fogo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em q̄ Clície d'Amor faz seu thezouro.

Era

Era no mes, que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo,
O vento enfrea Eolo,
Para que o delectoso passa tempo
Seja quieto, & mudo
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
Na cega idolatria
Que o peito mais cõteta, & mais agrava,
Onde o cego minino
Se faz crer dos humanos que he continuo.

Quando a fermosa Nimpha
Com todo ajuntamento veneran do
Na pura, & clara limpha
O christalino corpo està lauando
O qual nas aguas vendo
Nelle, alegre de o ver, se està reuendo.

O peito Diamantino
Em cuja branca teta Amor se cria
O gesto perigrino
Cuja presença torna a noite, dia
A graciosa boca,
Que Amor a seus amores mais protoca.

Segunda parte.

Os robins graciosos

E perolas que escondem entre as rosas,

Os jardins deleitosos

Que o Ceo plantou em faces tão fermosas:

O transparente collo

Que ciumes a Daphne faz de Apollo.

O sutil mouimento

Dos olhos, cuja vista o Amor cegou:

O qual com seu tormento

Nunca mais de taes olhos se apartou:

Mas antes de contino

Nas mininas o trazem por minino.

Os fios espalhados

D'amor, q̃ aos mais dos peitos faz cobiza,

Onde Amor enredados

Os coraçõs humanos traz & atica:

Com feruido desejo,

Por onde elle começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo

Que de Neptuno estaua aconselhado

Vendo na terra o Ceo

Em tão bella figura tresladado,

Mudo hum pouco ficou.

Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Em

Em fim querendo ver
 Quem tanto mal de longe lhe fazia,
 A vista foy perder,
 Porque de puro amor Amor não via
 Ficando cego, & mudo
 Contra as forças do Amor que pode tudo.

Agora se aparelha
 Para a batalha agora arremetendo;
 Agora se aconselha,
 Agora vay, agora está tremendo
 Quando já de Cupido
 Com noua setta o peito viô ferido.

Remete o moço logo
 Para onde estava a chaga sem socorro,
 E cõ sobejo fogo
 Quão mais perto estava, então mais cego
 Se via, & c'hum suspiro
 Na fermosa donzella emprega o tiro.

Vengado assi Peleo,
 Nasceo deste amoroso ajuntamento
 O forte Lariſeo
 Destruicão do Phrigio pensamento;
 Que por não ser ferido
 Foy nas ondas estigias summergido.

OVTRA ODE DO MESMO

nunca impressa.

Esta pode bem passar até o fim da
pagina seguinte.



A calma nos deixou

Sem flores as ribeiras graciosas,

Tã de todo secou

Os crauos, lirios, & as purpureas rosas,

Fogem da calma graue os passarinhos

Para o sombrio emparo de seus ninhos.

Menea os altos frexos,

Abranda viraçãõ, de quando em quando

E dentre varios sexos

O liquido cristal sae murmurando.

As gotas, que das aluas pedras saltãõ

O prado, como perolas, esmaltãõ.

Da caça já cansada

Busca a casta Titonia a espeßura,

Onde a sombra deitada

Logre o doce repouso da verdura,

E sobre o seu cabello crespo, & louro

Deixe cair o bosque o seu thezouro,

O Ceo desempidido

Mostra o eterno lume das estrellas,

E de

E de flores vestido
 Hũas vermelhas, & outras amarelas
 Se mostra alegre o bosque, alegre o monte
 O rio, o aruoredo, o prado, a fonte.

Porque como o minino
 Que a Iupiter pola Aguia foy leuado
 No cerco christalino
 Foy do amator de Clicie visitado
 O bosque chorará, chorará a fonte
 O rio, o aruoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
 He das lindas Nereydas cortado,
 Se irá aleuantando
 Todo, em crespas escumas empollado:
 O soberbo furor do negro vento
 Fará por toda parte mouimento.

Leybe da natureza
 Mudarse desta sorte o tempo leue,
 Socede a belleza
 Da primauera, o fruto, à calma, a neuue
 E tornar outra vez por certo fio,
 O cono, Inuerno, Primauera, Estio.

Tudo em fim faz mudança
 Quanto o claro Sol vê, quanto alumia,

Segunda parte.

Nem se acha segurança
Em tudo, quanto alegre o bello dia,
Mudãose as condições, mudase a idade,
A bonança, os estados, & a vontade.

Sò a minha inimiga

A dura condição nunca mudou,
Para que o mundo diga,
Que nella ley tão certa se quebrou,
Sò ella em me não ver sempre está firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugirme.

Mas já sofriuel fora,

Sò ella em me matar, mostrar firmeza:
Se não achara agora:
Tão bem em mim mudada a natureza:
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuves rodeado.

Sempre exprimento os fios:

Que em continuo receo Amor me manda:
Sempre os dous caudales rios:
Que em meus olhos abrio, q̃ nos seus anda,
Corrê sem chegar nunca o verão brando,
Que tamanha aspereza vã mudando.

O Sol sereno, & puro

Que

Que no fermoso rosto resplandece,
 Enuolto em manto escuro
 Do triste es quecimento, não parece.
 Deixando em triste noite a triste vida,
 Que nunca he de luz noua foccorrida.

Porem seja o que for
 Mudese por meu dano a natureza,
 Perca a constancia Amor
 A fortuna inconstante ache firmeza,
 E tudo se conjure contra mim:
 Mas eu firme estarei no que emprendi.

CANC, A M.

NEm roxa frol de Abril
 Pintor do campo ameno, & da verdura:
 Colhida entre outras mil
 Foy nunca assi agradauel à donzella:
 Cortès, alegre, & bella:
 De sua may de leite, & gloria pura
 Como a mim foy a inculta fermosura,
 Natural, que pudera
 Render, Saturno là na sua esphera.

Natural fonte agrèste
 Não laurada de artifice excelente

Mas

Segunda parte

Mas por arte celeste
Diriuada do rustico pene do
Naõ fez nunca taõ ledo
Cansado caçador por festa ardente:
Quanto o descuido a mim me fez cõtente
Do ver desconcertado,
Que farà brando a Jupiter irado.]

Fruta, que sem concerto

Natureza entre os ramos dependura
Achada por acerto,
A quem pintada a vè de sangue, & leite,
Naõ lhe dà o deleite
Que essa graça me dà sem compostura
Ornamento da mesma fermosura,
E o toucado sem arte
Que tornàra pastor o brauo Marte.

A menham graciosa,

Que derramando saè d'entre os cabellos
A flor, o lirio, a rosa
Sem ajuda de ornato, ou de artificio
Naõ faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos
A quem os vè taõ puros, & singellos,
E esse inocente riso,
Porque o Sol dexa pelo Tejo Amphrifo.

Ou-

Outeiros coroados

Das arvores, que fazem a espessura
 Còs ramos carregados
 Alegre, que mão destra os não cultiva,
 Graça tão excessiva,
 Não tem na sua natural verdura,
 Quanta na desses olhos clara, & pura
 Deposita a esperança
 Com que Amor gosto, & a mãy tormento alcãça.

Dos simples passarinhos

A musica sem arte concertada
 D'entre os verdes raminhos
 Tão suave não he. tão delectosa
 A quem no campo a gosa
 Quanto a mim essa falla alegre agrada,
 E o natural auiso,
 Tal q̃ a Mercurio rouba o cetro, & o siso.

Dos rios frescos' agoa,

Que clara entre arvores se diriuva
 Caindo dalta fragoa,
 Esmaltando de perolas no prado
 O verde delicado
 Com brandosom, aos olhos fugitiua;
 Não nos alegra quanto a graça esquiva,
 D'essa voz soberana,
 Que faz cortès a rustica Diana.

SEXTINA.

Esta está impressa tão errada que não parece do Author, & foy emendada por elle nesta forma.

FOgeme pouco, & pouco a curta vida,
Vayseme o breue tempo dante os olhos,
E do viuer me vay leuando o gosto,
Choro polo passado, mas os dias
Não se detem por isso de seu curso
Passase em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena,
Que nunca hum passo deu tão lãga vida,
Fora de trabalho, & triste curso,
Se no processo meu estendo os olhos
Tão cheos de trabalhos vejo os dias
Que já não gosto nem do mesmo gosto.

Os prazeres, o canto, o riso, o gosto
A continuação da graue pena
Me leuou, que não ponho culpa aos dias:
A culpa he do destino, porque a vida
Sempre celebrará os bellos olhos,
Por mais que do viuer se alonge o curso.

Sigão os Ceos o seu natural curso,
A toda gente dem tristeza, ou gosto:
Façam em fim mudanças que meus olhos
Nunca verão no mundo se não pena,

Para poder em paz passar os dias:

Vão soccedendo hūs dias a outros dias
Não perde o tempo nada do seu curso
Perde somente a curta, & breue vida
Fogelhe como sombra a idade, & o gosto,
Vayselh' acrecentando magoa, & pena
De que são testemunhas os meus olhos:

Mas nunca da minha alma, ò claros olhos,
Vos poderão tirar os longos dias,
Cresca quanto quiser trabalho, & pena
Que pois para de tras não torna o curso
Dos annos: isto sò terei por gosto,
Para poder passar o mais da vida.

Canção ja tiue vida, ja meus olhos
Me derão algum gosto, mas os dias,
Com seu ligeiro curso magoa, & pena.

Segunda parte

CANÇÃO, A M.

Esta Canção duas vezes fez o Author com os mesmos conceitos, mas termos tão differentes que totalmente he outra, hũa se imprimio q̃ começa, Mandame Amor q̃ cante docemente, esta he tão boa, que não se deixa ver qual he a que elle aceitou, & assi ambas são merecedoras de se imprimir.

Mandame Amor que cante o q̃ alma sente,
Caso que nunca em verso foy cantado,
Nem d'antes entre gente acontecido,
Pagame assi em parte o meu cuidado,
Pois que quer, que me louue, & represente
Quam bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, & não serey da gente crido,
Mas he tamanho o gosto de louuarme,
E de manifestarme,
Por catiuo de gesto tão fermoso,
Que todo impedimento
Rompe, & desfaz a gloria do tormento:
Perigrino, suaue, & deleitoso,

Que

Que bem sey que o que canto,
Ha d'achar menos credito, que espanto.

Eu viuia do cego Amorigento

Porem tão inclinado a viuer preso,

Que me daua desgosto a liberdade

Hum natural desejo tinha acceso

D'algum ditoso, & doce pensamento,

Que me illustrasse a insana mocidade.

Tornauado anno já primeira idade.

A reuestida terra se alegrava,

Quando Amor me mostrava

Em fios douro hūas tranças desatadas

Ao doce vento estiuo,

Os olhos rutilando em lume viuo,

As rosas entre a neué sameadas,

O gosto graue, & ledo

Que juntos moue em mim desejo, & medo.

Este ramo está quasi todo na que
está impressa.

Hum não sei que suaue respirando,

Causaua vn desusado, & nouo espanto,

Que as cousas insensiveis o sentião.

Porque as garrulas anes entre tanto

Vozes desordenadas levantando,

Como

Segunda parte.

Como eu em meu desejo se ascendião.
As fontes cristalinas não corrião
Inflamadas na vista clara, & pura,
Florezia a verdura,
Que andando còs ditosos pès tocava.
Os ramos se abaxarão
Ou denueja das heruas, que pizãão,
Ou porque tudo ante elles se abaxauo
O ar, o vento, o dia
D'espíritos continos influia.

E quando vi, que daua entendimento
A cousas fora delle, imaginey,
Que milagres faria em mim, que o tinha.
Vy, que me desatou da minha ley,
Priuandome de todo sentimento,
E n'outras transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes do Amor vinha
Que o vso dos sentidos me tiraua
E não sei como o daua
Contra o poder, & ordem de Natura
Aas aruores, aos montes,
Aa rudeza das heruas, & das fontes,
Que conhecerão logo a vista pura,
Fiquei eu sò tornado
Quasi n'um rudo tronco de admirado.

Depois

Depois de ter perdido o sentimento
 De humano, hum sò desejo me ficaua
 Em que toda a rezão se conuertia,
 Mas não sey quem, no peito me bradara,
 Que por tão alto, & doce pensamento,
 Com rezão, a rezão se me perdia.
 Assim que quando mais perdida a via
 Na sua mesma perda se ganhaua,
 Em doce paz estava
 Com seu contrario proprio n'hum sogetto,
 O caso estranho, & nouo,
 Por alta certamente, & grande approuo
 A causa, donde vem tamanho efeito
 Que faz n'hum coração,
 Que hum desejo sem ser, seja rezão.

Depois de ja entregue a meu desejo,
 Ou quasi todo nelle conuertido
 Solitario, siluestre, & inhumano,
 Tão contente fiquey de ser perdido,
 Que me parece tudo, quanto vejo,
 Escusado, se não meu proprio dano,
 Bebendo est e suaue, & doce engano:
 A troco do sentido, que perdia,
 Vy, que Amor me insculpia,
 Dentro nalma a figura honesta, & bella,
 d A gra

Se gunda parte.

A' gravidade, o siso,
Amansidaõ, a graça, o doce riso,
E porque não cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Saè pola boca conuertido em canto.

Canção se te não crerem
Daquelle claro gesto, quanto dizes,
Polo que em si lhe esconde.
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem de contino ser juizes
Se não hum pensamento,
Que a falta supra a fê do entendimento.

F I M,



**PETICAM FEITA
AO REGEDOR DE HVA**

nobre moça presa no Limoeiro da
Cidade de Lisboa, por se dizer q̃
fizera adulterio a seu marido,
q̃ era na India, feita por
Luis de Camoës.

S Prito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere, & acrefcente
Regendo o fiel Reyno descansado
Com vida felicissima, & contente
A vòs em quem o humil necessitado
Acha sempre favor, & amor ardente
Peco queirais ouuir, que na verdade
Zelo, & amor de Deos me persuade.

*N*ão vos seja pesado o atreuerme
A querer emprender fugeito alheo,
Porque fizeraõ lagrimas mouerme
Vir ante vòs ousado, & sem receo.
E se por tal quizer des conhecerme,
Seruindouos de mim, por algum meo;
O nome, o braço, a Musa, & quanto posso,
Ha já muito, senhor, que tudo he vosso.

Segunda parte

Quem isto offerece vos dirà quanto
De sejo muito lea seruos aceito,
Porque com vosso zelo, o fauor santo,
Faça meu rude verso algum proueito
Que cobrindome vòs com vosso manto,
Aeu ser nobre tendo algum resseito,
Sey que posso ganhar o que não tenho,
Pois me não faltão forças, nem engenho.

Porem isto, senhor, deixando a parte,
Que razão he deuida a que me guia
A vòs venho com força, engenho, & arte,
Por influxo do Ceo, que a vòs me enuia
A vòs, a quem tem dado Apolo, & Marte,
De seus thesouros parte, & melhoria,
Venho cantar com voz rouca, & chorosa,
Por hũa encarcerada desditosa.

A vos venho, senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vòs confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he seruido,
E pois elle vos deu justa balança
Para pezar justiça, & dar ouuido,
Ouui a petição da miseravel,
Cõ quem fortuna foy tão pouco affauel.

Ouui

Ouvi da pobre dona Catharina

O grande desamparo inopinado,
 A quem nenhum remedio determina,
 Ou permite seu duro, & cruel fado,
 Que se na terra idade soy mo fina,
 A vida entregando ao vão cuidado,
 Aja n'isso castigo com brandura,
 Porque o medo a fará viuer segura.

Aja, senhor, cuidar que he moça pobre,

Que pobreza não tem nenhum respeito,
 E mais não tendo idade que lhe sobre,
 Pera saber fugir do que he mal feito.
 Aja tambem cuidar que he sangue nobre,
 E ao jugo da Igreja inda sugeito,
 E que podem nascer de tal processo
 Hum grande, & cruelissimo successo.

Certo que com razão urgente, & clara

Tem algũa razão a infelice,
 Que se ninguem recolhe, nem ampara
 A triste orfaã na flor da meninice,
 A fortuna cruel em tudo auara,
 Pera lhe acarretar triste velhice,
 Lhe entrega a honra, & pura castidade
 Nas mãos de hũa cruel necessidade.

segunda parte

Bem sei que de ter culpa não carece,
Sò por não ser do sangue seu lembrada,
Màs deselhe o castigo que merece,
E não pera tão longe desterrada:
Que se pera là for, bem se conbece
Quam vilmente serà vituperada,
Dando motiuo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.

Vede, senhor, o risco a que se obriga
A desditosa, & fragil mocidade,
Se honra não vai buscar, ou parte amiga
Que lhe defenda sua honestidade.
Não queirais não, senhor, q' o mundo diga,
Ah, que grande rigor, & crueldade?
Como já vai dizendo, & murmurando,
Sua grande ignorancia disculpando.

Eu certo não duvido que o Piloto,
O mestre, o marinheiro, o Capitão,
Vsem do costumado vicio roto
Com todas as que em seus poderes vão.
Daime vòs, senhor, hum que estè remoto
De tal dilicia, nesta occasião,
E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto
 Que seja ao Ceo, por casto, tan aceito,
 Nem ha quem não cometta descōcerto,
 nessa torpeza brutta, & vil sugeito:
 Já não, & abi Hieronymo tão certo,
 Que, com pedra na mão, ferindo o peito
 Da carne stimulado, assi lhe diga,
 Não te chegues a mim carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
 Que, vendoa sem amparo, & sem abrigo,
 Em tempo, q̄ os mais ricos, & esforçados,
 Temendo a Deos, fugião a seu castigo:
 Hũs pera seus jardins determinados,
 Outros por onde o Ceo lhe fosse amigo,
 A deixarão tão sò nesta cidade,
 Batalhando co a vil necessidade.

Pois quem ouuera abi, que não cabira
 Vendose em tal estremo, em tal miseria,
 Qual Arthemisa aqui não consentira,
 Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria.
 E qual Lucrecia fora, que isto vira
 Que não rendera o jugo à vil materia,
 Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
 Ou qual molher de Vlysses se negara.

Segunda parte.

Qual fora a que se vira em tão infesta
Batalha turbulenta, & espantosa,
Exercitando a morte rija, & mesta,
Seu duro officio, braua, & rigurosa.
Que Nympha ouuera ahi, q̄ Deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que não rendera a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome.

Ah valeroso spritto, caso he isto,
Pera se dar perdaõ aa fraca ouelha,
Não seja o perdaõ seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha.
Assi nos altos Ceos sejais bem quisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pay, & amigo claro.

Por isso olhai, senhor, a quanto importa,
Cortar occasioes com fio agudo,
Porque não se cortando, abre se porta
Do lasciuo desejo ao Nauta rudo.
E, se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leys do claro estudo,
Serà grandeza vossa muy sobida
Dessa real profapia produzida.

Olhai

Olhai que tem, senhor, hũa menina
Do ausente consorte, & filha sua,
Muito desemparrada, & pequenina,
Fõra do natural, despida, & nua.
Se de vos, senhor, agoa da Piscina,
A vosso zelo tudo se attribua,
Que, mouendouos elle, não duuido,
Que tudo a ella seja concedido.

F I M.



REDONDILHAS DO MESMO
que nunca forão impressas.

Cantigas alheas.

N A fonte está Leonor
Lauando a talha, e chorãdo
As amigas preguntando,
Vistes la o meu amor?

Voltas do Camoës.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga
Cantava, mas a cantiga
Eraõ sospiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando
As amigas preguntando
Vistes là o meu amor.

O rosto sobre bũa mão
Os olhos no chão pregados,
Que do chorar já cansados,
Algum descanso lhe daõ.

Destá

Desta sorte Leonor

Suspende de quando em quando,
Sua dor: & em sy tornando
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos agoa,

Que não quer q̃ a dor se abrande
Amor, porque em magoa grande
Seca as lagrimas a magoa.

Que depois de seu amor

Soube novas preguntando

Demprouiso, a vi chorando

Olhai que estremos de dor.

Estas trouas mandou o Author da cadea em
que o tinha embargado hũa diuida Miguel
Roiz Fios Secos, d'Alcunha, que se embarca-
ua para fora, ao Cõde do Redondo Viçorrey,
pidindolhe o fizesse desembargar.

Que diabo ha tão danado

Que não tema a cutilada

Dos fios secos da espada

Do fero Miguel armado?

Pois se tanto hum golpe seu

Soa na infernal cadea,

Do que o demonio arrecea,

Como não fugirey eu?

Com

Segunda parte.

Com rezaõ lbe fugiria,
Se contr'elle, & contra tudo;
Naõ tiuesse hum forte escudo
Sò em vossa senhoria.

Por tanto senhor prouejá,
Pois me tem ao remo atado;
Que antes que seja embarcado
Eu desembargado seja.

Estas trouas mandou Heitor da
Silueira ao mesmo Cõde,
enuernando em Goa.

Vossa senhoria crea,
Que não apura o engenho
Fome, se he como a que tenho,
Mas afraca, & corta a vea.

E quem o contrario sente
Està farto em toda a hora,
Como estou faminto agora.
Mas Marta se està contente
Dalhe pouco de quem chora.

E pois vossa senhoria
Em gèral a tudo acode,
Acuda a mim, que sò pòde
Darme no engenho valia.

Esperno

Esperete esta musa minha,
Que o tempo traz sonorenta
Valhalhe nesta tormenta,
Com essa doce mezinha
Que sò da vida, & a contenta.

Acuda com prouisaõ
Naõ de papel, mas prouida
D'ouro, & prata: que esta vida
Naõ sustentão papeis, naõ.
De feitor a thesoureiro
Sermehia trabalho grande
Vossa senhoria mande
Algum remedio primeiro
Cõ que a morte, o ferro abrande.

Ajuda de Luis de Camoës.

Nos liuros doutos se trata,
Que o grande Aohiles insano
Deu a morte a Heitor Troiano.
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor Lusitano.
Sò ella o pode acabar,
Sò essa vossa condiçãõ.
Liberal, & singular
Naõ mete entre elles bastãõ.
Bastante para ofartar.

Segunda parte.

A HVA SENHORA QUE LHE
chamou diabo.

Esparfa.

Não posso chegar ao cabo
De tamanbo desarranjo,
Que sendo vos, senhora, anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto sinal,
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos, por natureza

(Cantiga.)

Vy chorar hūs claros olhos
Quando d'elles me partiã
O que magoa, o que alegria.

Volta:

Polo meu apartamento
Se arrazaraõ todos d'agoa,
Quem cuidou, q̄ em tanta magoa
Achasse contentamento?
Julge todo entendimento

Qual

*Qual mais sentir se deuia:
Se esta dor, se est' alegria.*

*Quando mais perdido estiuē
Então deu a est' alma minha,
Na mayor magoa, que tinha,
O mayor gosto, que tiue
Assi se minh' alma viuē
Foy, porque me defendia
D'esta dor, esta alegria.*

*C' bem que Amor me não deu:
No tempo que o desejei,
Quando d'elle me apartey
Me confessou que era meu
Agora, que farey eu
Se a fortuna me desuia,
De lograr esta alegria.*

*Não sey se foy enganado
Poisyme tinha defendido
Das iras de mal querido
No mal de ser apartado,
Agora peno dobrado
Ach'ando no fim do dia
O principio d'alegria.*

Segunda parte

Mote al Rey.

Dò la my ventura
Que no ver alguna.

Volta.

Sepa, quien padece
Que en la sepultura
Se esconde ventura,
De quien la merece.
Allà me parece,
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,
Dolor fuè mi cama,
Tristeza fue llama,
Cuidado el padrino,
Vestiose el destino,
Negra vestidura
Huyò la ventura.

No se hallò tormento,
Que ally no se ballasse,
Ni bien que passasse,
Sino como viento.

Oh que nacimiento,
 Que luego en la cuna
 Me siguiò fortuna.
 Esta dicha mia
 Que siempre busqué,
 Buscandola, halle,
 Que no la hallaria,
 Que quien nace en dia
 D'estrella tan dura,
 Nunca halla ventura.
 No puse mi estrella
 Mas ventura em mi:
 Ansi viue em fim
 Quien nace sin ella.
 No me quexo della,
 Quexome, que atura
 Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deos te salue Vasco amigo,
 Não me fallas como assi?
 Bofê Gul, não estauã aqui.

Volta.

Pois onde te não fallar
 Se não estás onde apareces?

Segunda parte.

Se Madanela conheces
Nella me podes achar
E como te hão dir buscar,
Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mi.
Porque te não acharei
Em ti, como em Madanella?
Porque me fuy perder nella
O dia que me ganhei.
Quem tão bem falla, não sei
Como anda fora de si.
Ella falla dentro em mi.
Como estás aqui presente
Se lá tens a alma, e a vida
Porque he d'hũa alma perdida
Aparecer sempre a gente.
Se es morto, bem se consente
Que todos fujão de ti,
Eu, tão bem fujo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo
Mi sampoña como suena?
Porque no me mira Elena!

Voltas.

Buelue, e não estás pasmado,

Mira

Mira, que gentil sonar?
 Como te podrà mirar
 Quien no puede ser mirado,
 Que bueno enamorado.
 No diras, si es mala o buena,
 No que me hizo mudo Elena.

Mira tan dulce armonia
 Dexate d'essos enojos,
 Tengo clauados los ojos
 Con que mirar te podia.
 Ansi Dios te dè alegria
 No ves quan dulce, & serena.
 No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crecen Camilla os abrolhos
 De chorares por Cincero:
 Não he muito, que lhe quero
 Belisa, mais que meus olhos.

Volta.

Sempre os teus olhos estão
 Camilla, d'agoas banhados.
 De se verem desamados,
 Pòde ser, que chorarão.
 Si, mas crecem os abrolhos

Segunda parte

E tu cegas por Cincero
Se eu não vejo quem mais quero,
Para que quero mais olhos?
Se se foy ha mais de hum mes
Teus olhos não cansarão?
Não, que apoz elle se vão
Estas lagrimas que ves
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso e fero.
Pois eu não vejo a Cincero
Isso sò verão meus olhos.
Chorando queres morrer?
Mais quero viuer chorando
Tu não ves que vas cegando?
Se cego, como ey de ver?
Poem na vista outros antolhos.
Não posso nem menos quero
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A hũa molher que se chamaua
Graça de Morais.

Olhos em que estão mil flores
E com tanta graça olhais
Que parece que os amores,
Morão, onde vos morais.

Volta.

Volta.

Vense rosas, & boninas
 Olhos n'esse vosso ver :
 Vense mil almas arder
 No fogo d'essas mininas.
 E dilohão minhas dores
 Meus suspiros, & meus ais,
 E dirão mais, que os amores
 Morão, onde vos morais.

Do Mote.

Vida de minh'alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
 Grandes por estremo :
 Se vos vejo, temo,
 E se não, desejo.
 Quando me despejo,
 E venho a escolher,
 E temo o desejo,
 Desejo o temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra
 Da serra da estrella
 Percome por ella.

Segunda parte.

Volta.

Nos seus olhos bellos
Tanto amor se atreue
Que abraza entre a neve
Quantos ousão velos
Não solta os cabellos
Aurora mais bella
Percome por ella.

Não teue esta serra
No mejo d'altura
Mas da fermosura
Que nella se enferra
Bem ceo fica a terra
Que tem tal estrella
Percome por ella.

Sendo entre pastores
Causa de mil males
Não se ouuem nos vales
Se não seus lououres
Eu sò por amores
Não sei falar nella
Sei morrer por ella.

De alguns que sintindo
Seu mal vão mostrando
Serim não cuidando,
Que inda paga rinda

Eu triste encobrindo

Sò meus males della

Percome por ella.

Se flores deseja

Por ventura dellas

Das que colhe bellas

Mil morrem de enueja

Não ha quem não veja

Todo o melhor nella

Percome por ella.

Se na agoa corrente

Seus olhos inclina

Faz a luz cristalina

Parar a corrente

Tal se vê que sente

Por verse agoa nella

Percome por ella.

Mote?

Que verè que me contente.

Groza de Luis de Camoës.

Desque vna vez miré

Senhor a vuestra beldad

Segunda parte.

Iamas por mi voluntad

Los ojos de vos quite.

Pues si en vos plazer no siente

Mi vida, ni lo dessea.

Sino quereis que os vea.

Que verè que me contente.

Luis Camoës.

Quem se confiaem olhos

Nas meninas delles vê

Que meninas não tem fé.

Quem poem suas confianças

Em meninas sem asento

Ofereça o sofrimento

A duzentas mil mudanças

Mostrão no ar esperanças

Mas em seus olhos se vê

Como não tem nalma fé.

Enganão ao parecer,

Porque no caso d'amar,

São molheres no matar

E meninas no querer,

Quem em seus olhos se crer

Cem mil graças nelles vê

Vellas finzimas não ter fé.

Mostrá-

Mostrauos num momento
 Fauores asim amolhos,
 Mas na mudança dos olhos
 Se lhe muda o pensamento
 En nada tem asento
 E o que mais nelles se vê
 He fermosura sem fê.

Cantiga velha.

Sois fermosa & tudo tendes
 Se não que tendes os olhos verdes.

Ninguem vos pode tirar
 Serdes ^{mais} bem asombrada
 Mas eisme de perdoar
 Que os olhos não valem nada
 Fostes mal aconselhada
 Em querer que fossem verdes
 Trabalhay de os esconderdes.
 A vossa testa he jardim
 Aonde amor se desenfada,
 He branca & bem talhada
 Que parece de Marfim
 Ia sey quanto a mim
 Isso nasce de a terdes
 Tam perto dos olhos verdes.

Segunda parte.

*Os cabellos; desatados
O mesmo Sol escurecem
Se não que por serem ondados
Algum tanto desmerecem,
Mas afee que se parecem
A furto dos olhos verdes
Não vos pese de os terdes.*

*As pestanas tem mostrado
Ser rayos que abraçam vidas,
Se não forão tam compridas
Tudo o mais era pintado,
Ellas me tinhão leuado
Ia sem o vos saberdes
Se não forão os olhos verdes.*

*O mimo desse carão
Nem porlhe os olhos consente
E ser liso, & transparente,
Rouba todo o coração
Inda assim achareis gente
Que lhe não pese de os verdes
Mas não seja cos olhos verdes.*

*Esse riso he composto
De quantas graças nascerão*

Se não que algũs me dixerão
 Que vos faz couinhas no rosto,
 Na vontade tenho posto
 Daruos a alma se quiserdes
 A troco dos olhos verdes.

Nunca se vio nem s'escreue
 Boca nem graça igual
 Se não fora de coral
 E os dentes de cor de neuê
 Doume a Deos que me leue
 Sofrerei quanto teuerdes
 Não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece
 Outras palauras não minhas
 Se não que feita em rosquinhas
 Dal fenin, o que parece
 Eu sei quem se offresce
 A tomar tudo o que tendes
 E tambem os olhos verdes.

Essas mãos são ferropas
 Sò com vellas em feitiça
 Se não que são aluas & cheas,
 E tem afeição roliça
 Com que apelais por justiça
 Pera com ellas prenderdes
 Os que vem vossos olhos verdes.

A vossa

Segunda parte

A vossa galantaria
Matara a quem falardes
Tendes hūs desdens, & tardes
Que eu rogo vos Roubaria,
Doume a santa Maria
Sou cujo, de quanto tendes
E tambem de ses olhos ver des.

De Luis de Camoões, voltas que
não estão impressas.

Tudo tendes singular
Com que os coraçõs rendeis
Se não querindofazeis
Couinhas para enterrar,
E para resuscitar
Tem força a graça que tendes
Se não que tendes os olhos verdes.

Tudo senhora alcançais
Quanto ser fermosa alcança
Se não que dais esperança
Cos olhos com que matais
Se a caso os alevantais.

EPISTOLA DE LVIS
de Camoës.

Duvidosa esperança, certo medo
De não ouirdes senhora os meus danos
Fizerão que não fis isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganoso
Por encobrir el mal que me causais
Temendo outra dor dos desenganos.
Mas tudo quanto fis, fis por demais
Amor, que como quer de mim ordena
Não soffre que tal dor encubra mais
[A ser vossos senhora me condena
Nisto merce me fas a vos se offende
A culpa, ao amor dai, a mim a pena,
Não cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vos fordes contente
Porque sò isso busca, isso pretende.
Ditosa dor, a que por vos se sente
Ditoso, pois conheço esta verdade
Pera não ser das minhas discontente.
Com tudo, a não poder hũa vontade
Tam pura, e tanto a medo offerecida
Mouervos de meu mal a piedade.
Não quero mais viuer, não quero vida,
Milhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo ver ser vida.

Banhem

Segunda parte.

Banhem minhas lagrimas meu rosto
Sospire o coração que treme, & arde
Chorar, & sospirar seja o meu gosto
Não queirão os meus fados que me guarde
De sentir noua dor, nouo tormento
Que sinto muito mais sentilo tarde.
Quisiera des que tiue entendimento
Por ver, se com firmeza vos mouia
Não ter em outra cousa o pensamento
Em vos cuidar a noite em vos o dia
Por vos sentir prazer, por vos tristeza
Sem vos ter pera mim que não viuia.
Mas nem por isso aja em vos crueza
Sofrese mal num peito delicado
Parece cousa contra natureza.
Olhai que em viuas chamas abrasado
Por remedio senhora ante vos venho
Buscalo noutra parte he escusado.
Porque não val saber, força, nem ingenho,
Pedras, palauras, eruas de virtude
Contra o golpe d'amor que n'alma tenho
Se vossos olhos poden dar saude
Se neste graue mal me não soccorrem
Deixem me morrer ja ninguem me ayude.
Ditosos são os tristes quando morrem
No começo dos dannos que não sentem
Quão vagarosas as tristezas correm.

Porem

Porem se as esperanças me não mentem

Espero deste conto inda ser fora

Que cruzas em vos não se consentem

Em fim a fim de tudo he senhora

Que se me não valeis tenhais por certo,

Que cedo verrei a derradeira ora.

La que meu mal vos tenho descuberto

Auei de mim dõ, não seja isto em fim

(Como dizem) dar vozes em deserto

Valeime que por vos me perco a mim.

F I M.



Segunda parte

DOM ANTONIO SENHOR
de Casquais, prometeo a Luis de Camoës
seis galinhas recheadas pos hũa copia
que lhe fizera, & mandandolhe in
principio de paga mea
galinha recheada.

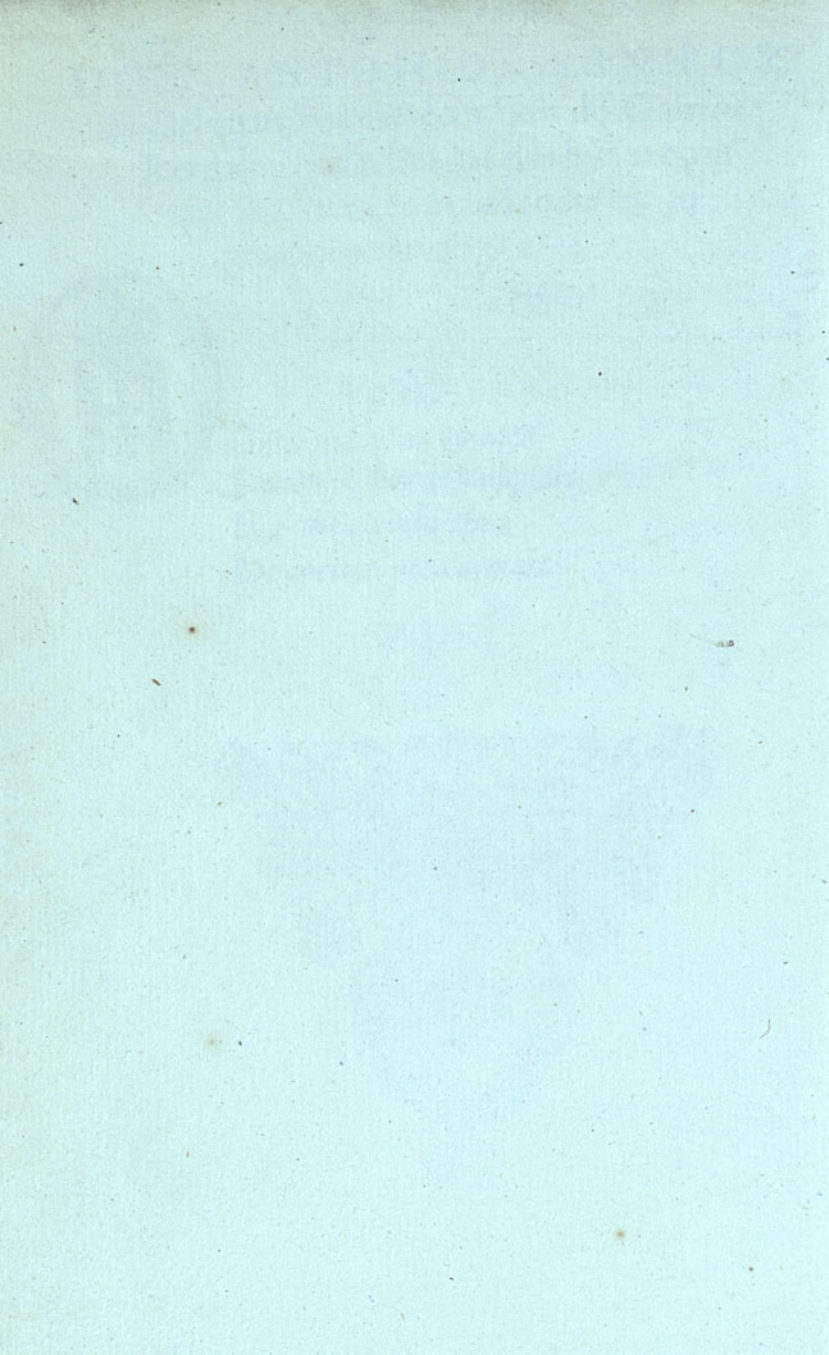


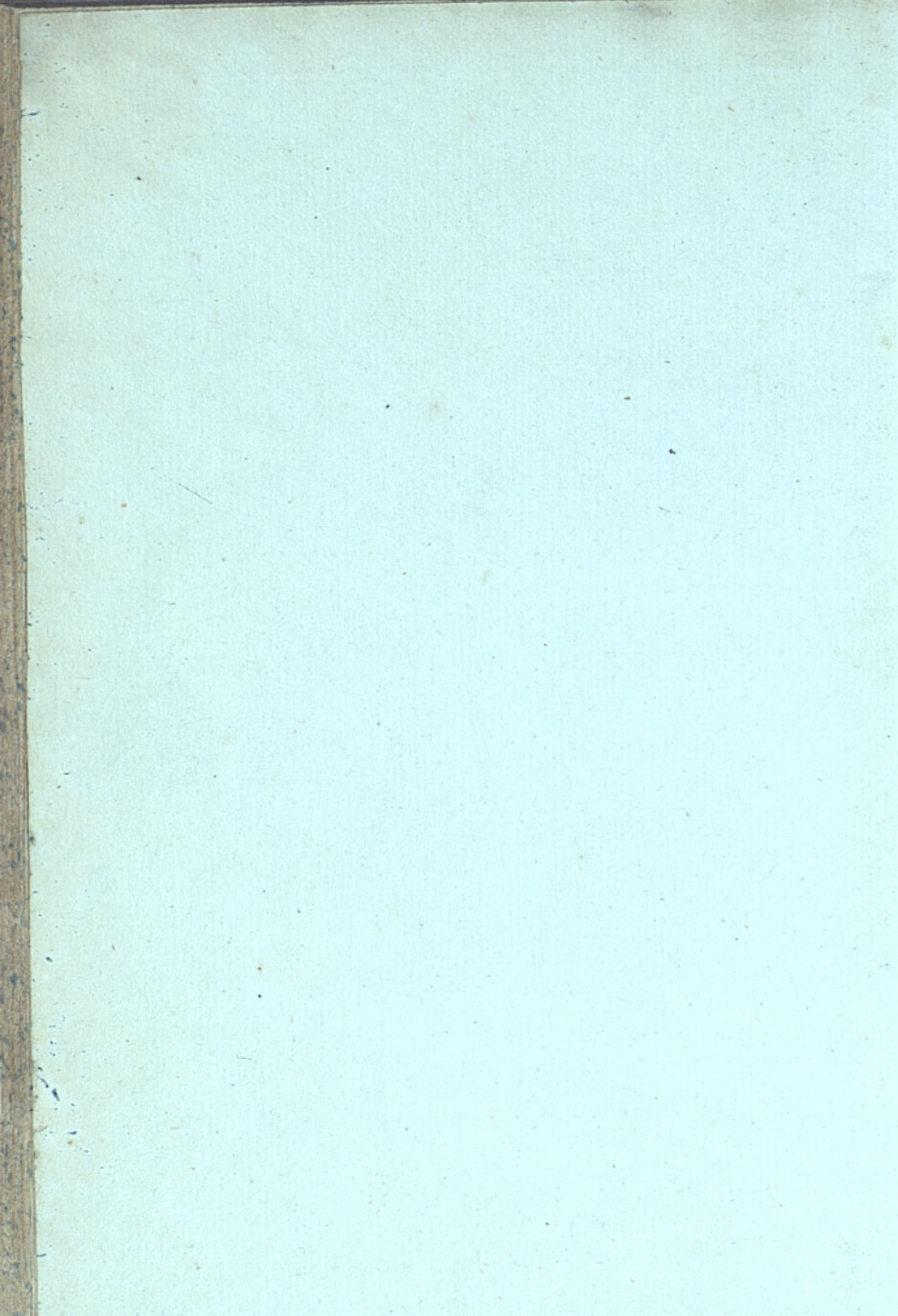
Volta.

Cinco galinhas & mea
Deue o senhor de Casquais
E a mea vinho chea
De appetes pera asmaís.

F I M.







CAMONEANA

34

B. N. L.

